

Bruno Guimarães Queiroz de Castro

Escrevendo memórias: a leitura e escrita de cartas como uma vivência pedagógica de Educação Ambiental sobre ambientes naturais da Ilha de Santa Catarina

Ilha de Santa Catarina

2021

Bruno Guimarães Queiroz de Castro

Escrevendo memórias: a leitura e escrita de cartas como uma vivência pedagógica de Educação Ambiental sobre ambientes costeiros da Ilha de Santa Catarina

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Antunes Horta

Co Orientadora: Prof. Dra. Alessandra Larissa Fonseca

Ilha de Santa Catarina

2021

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas,
sentimentalmente, somos habitados por uma memória.”

José Saramago

Resumo:

Este trabalho apresenta a leitura e escrita de cartas pessoais, com a reflexão e fundamentação necessárias, como forma alternativa de se complementar o processo de ensino e aprendizagem em Educação Ambiental no ensino de ciências. Apresento a trajetória de construção de minha formação até a realização de uma oficina em Educação Ambiental. Construída como uma narrativa autobiográfica, o texto relata os caminhos que guiaram a transformação por completo de um projeto durante a pandemia de COVID-19. Nos encontros da oficina buscou-se resgatar memórias e afetividades das estudantes para com os ambientes da Ilha, enfatizando a importância da existência e preservação dos mesmos na vida individual e coletiva. Foram produzidas escritas potentes, capazes de sensibilizar quem as lê e que evidenciam um processo de ensino-aprendizagem crítico e contextualizado. Os resultados observados dialogam também com o contexto do ensino remoto e com suas limitações. Evidenciam que a escrita de cartas pode ser uma importante aliada no processo de ensino e aprendizado, se mostrando relevante mesmo diante das condições desfavoráveis impostas pela pandemia.

Palavras chave: Educação Ambiental. Escrita de Cartas. Oficina. Memórias.

Resumen:

Este trabajo presenta la lectura y escritura de cartas personales, con la necesaria reflexión y razonamiento, como una vía alternativa para complementar el proceso de enseñanza y aprendizaje en Educación Ambiental en la enseñanza de las ciencias. Presento la trayectoria de construcción de mi formación hasta la realización de un taller en Educación Ambiental. Construido como una narración autobiográfica, el texto relata los caminos que guiaron la transformación completa de un proyecto durante la pandemia del COVID-19. En los encuentros del taller, buscamos rescatar la memoria y los afectos de los estudiantes hacia los ambientes de la Isla de Florianópolis, enfatizando la importancia de su existencia y preservación en la vida individual y colectiva. Se produjeron escritos potentes, capaces de sensibilizar a quienes los leen y que muestran un proceso de enseñanza-aprendizaje crítico y contextualizado. Los resultados observados también dialogan con el contexto de la enseñanza a distancia y sus limitaciones. Muestran que la escritura de cartas puede ser un importante aliado en el proceso de enseñanza y aprendizaje, demostrando ser relevante incluso ante las condiciones desfavorables impuestas por la pandemia.

Palabras clave: Educación Ambiental. Redacción de cartas. Taller. Memorias.

SUMÁRIO

PARTE 1

1.1	Antes do início.....	7
1.2	Ao leitor(a)	9

PARTE 2

2.1	Um pouco sobre o início.....	10
2.2	Escolas à Beira Mar.....	13
2.3	(des)ensino remoto.....	16

PARTE 3

3.1	Volta às aulas.....	18
3.2	Meu projeto.....	20
3.3	As cartas.....	23
3.4	A oficina.....	24
3.5	Escritas construídas.....	29
3.6	Considerações finais.....	54
	REFERÊNCIAS.....	57

Parte 1

Antes do início

Sou nascido e criado em Goiânia, no meio do cerrado, bioma que habita em mim intensamente. Sempre tive muito contato com ambientes naturais e até onde lembro eles sempre foram imprescindíveis no meu bem-estar. Até os dias de hoje me sinto extasiado quando mergulho em uma cachoeira na Chapada dos Veadeiros, nas minhas viagens de ano novo pra lá, ou quando sinto o calor e o cansaço de fazer uma trilha ao sol do meio dia na Serra dos Pirineus em Pirenópolis. Assim como, quando vejo o florescer dos ipês nos cerradões e posso sentir o cheiro da brisa que sopra quente nas tardes mansas da Cidade de Goiás. Não fica difícil perceber que longos períodos longe desses ambientes vão aos poucos diminuindo minha energia e minha gana de viver, como se de certa forma se borrassem as cores e a beleza que enxergo no mundo.

Desde pequeno minha família, sendo meu pai, mãe e irmã, tínhamos o costume de viajar para lugares mais remotos em meio à natureza e pelo menos uma vez ao ano íamos à praia, geralmente no Nordeste. Mesmo sendo apaixonado pelo cerrado, esse contato com o litoral me trazia enormes sentimentos de prazer e alegria. Era como se o mar, as ondas, a areia quente da praia, a cultura litorânea e todos seus encantos me trouxessem uma nostalgia que eu nunca soube explicar muito bem. Parecia que a vida ali era mais viva, que as emoções sentidas realçavam tudo ao redor.

Esses e outros sentires que essas viagens me proporcionaram criaram desde muito cedo uma presença enorme dessas paisagens dentro de mim, ali eu sentia mais forte o sabor do vento e a força do sol. Eu via com mais cuidado o ritmo das ondas e o passar das horas. Quando um pouco mais velho, ainda no início do ensino médio, minha vontade de ir morar no litoral crescia cada vez mais e passei a ver no vestibular a possibilidade de ir morar perto do mar e

conviver na minha rotina com tudo aquilo que estar na praia me fazia sentir. Tinha o entendimento de que aquilo me faria mais feliz. E fez.

No decorrer dos três anos de ensino médio transitei por opções de cursos de graduação que eu acreditava me contemplariam nos meus desejos e sonhos ainda pouco nítidos. Fui de relações internacionais a direito, cogitei história, oceanografia e no final decidi que prestaria vestibular pra Biologia Marinha em Florianópolis. Que depois, conhecendo melhor a história passei a chamar de Ilha de Santa Catarina ou de Desterro, visto que o nome atual é uma homenagem e um resquício das violências do segundo presidente do Brasil, Floriano Peixoto, assim como o professor Victor também nos conta mais à frente no texto. Aquele se tornou meu maior objetivo. Na época eu tinha certeza de poucas coisas, mas sabia que amava o mar, a natureza¹, animais e plantas, e foi uma decisão que fazia bastante sentido. Sempre fui guiado por uma visão muito racional das coisas, analiso bem todos os fatores que percebo no contexto dado e só então decido qual caminho faz mais sentido. Pra mim as coisas sempre precisam fazer sentido, ou precisavam, já não tenho mais tanta certeza.

Com todo o apoio da minha família, pude vir pra Floripa pra fazer o vestibular no começo de 2015. Alguns meses depois com a notícia de que havia passado no vestibular, pude retornar à ilha pra realizar a matrícula presencial na UFSC. Em ambas as vindas optei em vir sozinho, sem nenhuma excursão ou coisa do tipo. O valor que minha família gastaria para eu vir com uma excursão, passar somente os dias da prova e voltar para Goiânia, me permitiria ficar na cidade por uns 8 a 10 dias se ficasse hospedado em um hostel em um quarto compartilhado. Essas duas estadas de mais ou menos 10 dias na Ilha foram meu primeiro contato com sua exuberante beleza. Os dias do vestibular e a semana seguinte em que eu me hospedei em um hostel na Lagoa da Conceição foram suficientes para eu me apaixonar pela Ilha e querer como nunca vir morar aqui e vivenciar minha experiência de graduação nesse lugar mágico. Todos aqueles antigos sentimentos e prazeres que eu tinha por estar perto da praia, agora

¹ Naquela época creio que minha visão sobre o significado do que é natureza se difere um bocado da minha visão atual. Acho válido destacar que ao longo do restante do texto compreenda-se o termo natureza por uma perspectiva mais ampla, em uma perspectiva que se opõe à fragmentação, separação e diminuição do sentido amplo da relação homem-cultura-natureza-sociedade.

somados a todas as novas belezas que eu descobria lentamente ao desbravar a ilha da magia, era algo surreal pra um jovem Goiano que nunca tinha morado fora de casa, e que não conhecia praticamente nada do sul do Brasil.

Desde que aqui cheguei, há seis anos, vivi muitos momentos incríveis, a grande maioria em contato com alguma beleza natural da ilha. Pude aproveitar do meu gosto por estar em meio a natureza e me aventurar em acampamentos, inúmeras trilhas, cachoeiras, viagens de bicicleta, passeios de barco, mergulhos, idas a praias, costões, restingas, dunas, lagoas. Vivenciei todos esses ambientes e neles vivi momentos e experiências que fazem parte da minha história e constroem parte de quem eu sou.

À leitora²³

Cara leitora, este trabalho relata um pouco de como foi a trajetória de construção e realização de uma pesquisa em educação ambiental realizada com foco em uma oficina de leitura e escrita de cartas sobre experiências pessoais vividas na Ilha de Santa Catarina.

Contei toda essa história anterior pois acho que para narrar os caminhos e razões deste projeto, como foi que ele surgiu e como se desenvolveu, preciso contar também como esse processo ocorreu em mim, contextualizar a trajetória de minha pesquisa apoiada em minha trajetória como indivíduo, estudante e pesquisador. Quis contar um pouco de minhas experiências nos ambientes naturais de Floripa para mostrar como estas habitam em mim, como constroem minhas memórias e afetividades, e assim sendo, constroem a mim

² Coloco uma fonte diferente nas cartas na intenção de destacar e introduzir as mesmas ao longo do texto, de maneira que a estética possa potencializar a relação entre forma e conteúdo.

³ Optei em minha escrita por usar a flexão de gênero sempre no feminino. Primeiro, por se tratarem de pessoas. Segundamente, faço isso como forma de enaltecer a discussão de que a linguagem não é neutra, ela reflete a realidade. Realidade de uma sociedade machista, na qual vigente flexão de gênero das palavras é mais uma marca de uma estrutura opressora machista.

mesmo. Além disso, com essas palavras, também me coloco como parte dos frutos produzidos ao longo desta pesquisa.

A narrativa que se segue trata basicamente de uma tentativa de resgatar histórias e reviver lembranças, trazendo à tona sentires acerca de experiências pessoais vividas em meio aos ambientes naturais da Ilha do Desterro e enfatizando a importância da presença e manutenção desses ambientes em nossas vidas.

Neste primeiro momento, apresentei um pedaço de minha história e como ela se faz relevante no construir desta pesquisa. São dizeres de boas-vindas ao texto e à narrativa que se segue. No segundo capítulo conto a história do projeto, todo o longo percurso traçado, até que se firmasse a ideia definitiva do que seria realizado. Nele você vai entender melhor os porquês da pesquisa, seus personagens e os contextos que a construíram. Em seguida, no terceiro capítulo partimos dos porquês para o entendimento do como a pesquisa ocorreu, os caminhos metodológicos que foram tomados, os frutos resultantes da realização da oficina e as reflexões geradas sobre esses momentos. Espero que sua leitura seja leve e as histórias contadas sejam de seu agrado.

Parte 2

Um pouco sobre o início

Existem algumas informações sobre este projeto que precisam ser levadas em consideração antes de sua leitura e entendimento. Talvez a primeira e mais importante é a de que, desde antes de seu real início até sua finalização, todo o processo de pesquisa, estudo, reflexão, criação e escrita que permeiam os caminhos desse projeto aconteceram em meio a pandemia de COVID-19 e todas as suas atividades foram realizadas em ensino remoto emergencial.

Digo antes de seu real início pois o projeto veio a ser o que é a partir de grandes transformações no que seria sua versão original. O primeiro contato que

tive com o que viria a ser o cerne do meu TCC ocorreu logo antes da chegada do coronavírus ao Brasil. Era um projeto que já envolvia naquele momento perspectivas e objetivos que habitam em mim e que me motivam a seguir o caminho da licenciatura e da educação ambiental.

Meu interesse pela educação ambiental e pelas temáticas ecológicas e educacionais que a permeiam vem antes de minha entrada na universidade. Minha mãe é arquiteta urbanista e sempre foi uma militante da causa ambiental, desde sempre estudiosa das medicinas alternativas, da sabedoria e importância dos povos tradicionais. Meu pai também cursou biologia e foi jardineiro e paisagista, sempre atento à biodiversidade ao seu redor e um grande conhecedor da flora e fauna do cerrado. O exemplo dos dois, em conjunto com minha gana de estar em ambientes naturais, que de acordo com minha mãe me acompanha desde pequeno, me fez desde cedo um ser humano apaixonado pela natureza e conseqüentemente pelas causas ambientais.

No meu primeiro semestre na UFSC, em 2015, eu comecei a participar das reuniões do GEABio (Grupo de Estudos e Educação Ambiental da Biologia), e ali encontrei um grupo de estudantes que construía, de forma horizontal e autogestionada, uma das instâncias do curso de Biologia e a única que não tinha um professor ou professora como coordenador. As pautas das reuniões tratavam de encontros regionais de estudantes de biologia, minicursos em permacultura e agroecologia, projetos de extensão, manutenção e construção da Horta Agroecológica da Bio, visitas de escolas à Horta da Bio, oficinas de despolpa de açaí juçara, intervenções artísticas na universidade e fora dela, grupos de leitura em Paulo Freire, dentre outras muitas atividades. Todas essas atividades foram imprescindíveis na minha formação, das demais pessoas do Grupo e muitas vezes eram temáticas não contempladas pelo currículo do curso.

A construção do GEABio e do CABio (Centro Acadêmico da Biologia), foram fundamentais na minha formação como Biólogo, como educador e como indivíduo. Todas os aprendizados, teóricos e práticos, que a vivência de construção dessas instâncias me proporcionou foram fundamentais para que eu me tornasse o professor educador que hoje eu sou. Meu interesse pela educação, pelas causas sociais e ambientais, e pela biologia como um todo só cresceu e floresceu pela constante motivação que eu encontrava nesses

espaços, que eram espaços de luta e que eram sempre repletos de muito amor pela causa e pelas pessoas.

Agora voltando o foco para o projeto, que na época se intitulava “SBPC vai à escola”. A proposta do projeto envolvia pessoas de diferentes lugares de dentro da UFSC, com áreas de atuação que se relacionam dentro de algumas temáticas. Recebendo apoio da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência em Santa Catarina, o projeto tinha como objetivo tratar dos temas de Serviços Ecosistêmicos Costeiros, Carbono Azul e Educação Ambiental através de aulas, oficinas e saídas de campo com estudantes de colégios públicos da Grande Florianópolis (Ilha e municípios ao redor).

No final de 2019 conversei com o professor Paulo Horta sobre meus interesses de pesquisa para aquele momento. Eu havia acabado de sair de um projeto de pesquisa onde eu trabalhei com agrossistemas florestais na Fazenda Experimental da Ressaca da UFSC. Em parte, pela falta de suporte e por ter se tornado um trabalho bem solitário, bastante técnico e teórico, eu havia perdido o tesão pelo projeto e pelas atividades que eram realizadas. Paralelamente a isso, eu me aproximava cada vez mais da educação e conseguia enxergar ali algo que me instigasse e me fizesse ver beleza na pesquisa novamente. Nos três ou quatro semestres anteriores a esse momento, havia crescido muito meu interesse pelas disciplinas da licenciatura. Passei a enxergar o ensino de ciências e biologia com novos olhos e queria muito mergulhar mais fundo, participar de uma pesquisa que envolvesse temáticas do mar e da educação ambiental.

Quando Paulo me contou sobre o projeto que estava prestes a começar, conversamos sobre as possibilidades ali existentes e rapidamente me brilharam os olhos. O momento parecia exato, tinha achado ali um projeto de pesquisa que envolvia educação ambiental, atividades práticas e a chance de trabalhar com um grupo grande e diverso. Me encantou imaginar construir meu TCC ao longo do ano de 2020 em conjunto àquele projeto que tanto me contemplava. Foi emocionante pensar em realizar atividades de pesquisa e extensão nos ambientes costeiros marinhos, ações de iniciação científica nas escolas e saídas de campo, pensar sobre educação ambiental com estudantes da rede pública e

analisar relações de diferentes tipos de comunidades com esses ambientes. Ambientes que são tão conhecidos, presentes e importantes na vida de alguns, e ao mesmo tempo tão invisíveis e desconhecidos por outros.

Infelizmente o tempo de empolgação e motivação foi curto. As expectativas eram altas quando os ventos ainda brandos de uma suposta pandemia global começaram a soprar sobre o Brasil e sobre a Ilha. Logo veio a inusitada notícia do isolamento social e da pausa das aulas. O projeto foi sendo adiado e se firmou a imprevisibilidade de não saber por quanto tempo essa situação se estenderia. Veio o confinamento, a solidão e a ausência das trocas e vivências dentro da faculdade. Estas e outras angústias foram crescendo ao longo do ano, a cada mês que perdurava esse contexto apocalíptico no Brasil e no mundo.

Passaram-se dias, semanas, meses e o “novo normal” – péssimo termo se me perguntarem, nunca quis acreditar que essa realidade se tornaria algo normal – se instalou na rotina de todas nós. A cultura mercadológica que rege nossa sociedade logo reafirmou a obrigatoriedade de continuar produzindo a todo custo, fazendo com que pesquisas e projetos na área da educação tivessem que se recriar às pressas com novas propostas e estratégias pedagógicas para serem aplicadas no ensino remoto emergencial. E o projeto “SBPC vai à escola” não fugiu a essa regra.

Escolas à Beira Mar

A reformulação de ideias e o entendimento das novas possibilidades do projeto foi acontecendo aos poucos. Um pequeno grupo de pessoas interessadas foi se formando para tentar criar um novo caminho e novas estratégias. Esse grupo contou, e hoje ainda conta, com a participação de professoras de Ciências, Biologia e Geografia de algumas escolas da Grande Florianópolis, da professora Alessandra Fonseca e do professor Paulo Horta Antunes, ambos docentes na UFSC, e eu como estudante de graduação. O projeto foi, aos poucos, ganhando uma nova cara, (re)existindo através de encontros virtuais quinzenais com essas professoras incríveis que se

propuseram a desenvolver e aplicar com suas turmas atividades relacionadas ao projeto.

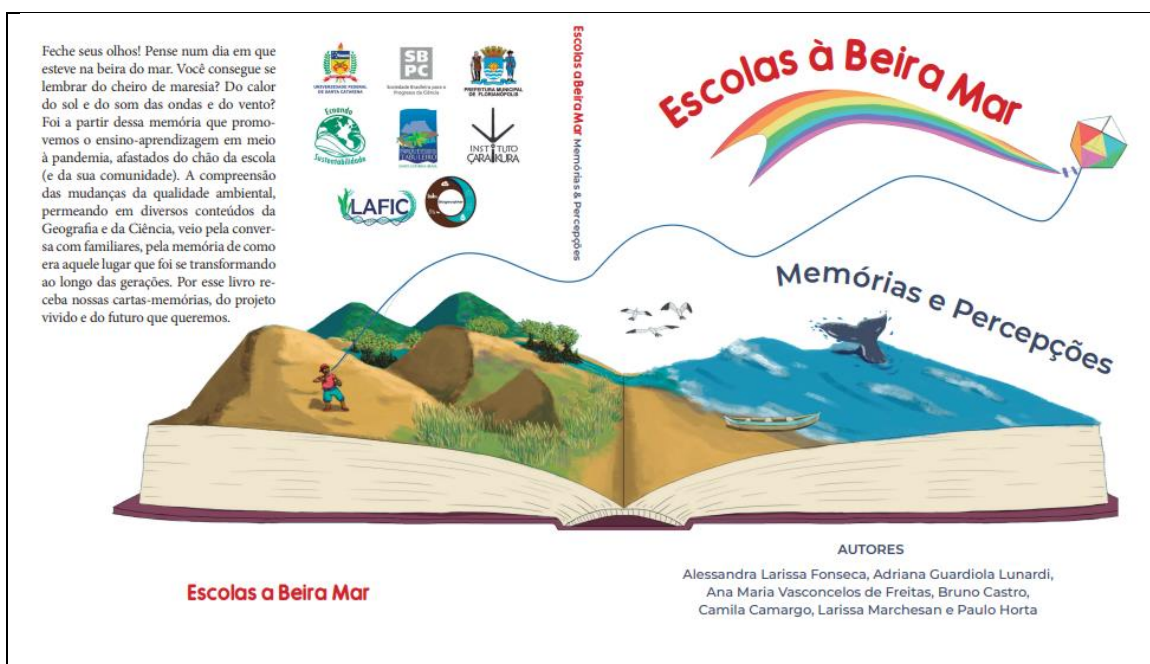
Ao longo dos meses, os encontros virtuais do grupo foram se tornando espaços de abertura, entrega, reflexão e companheirismo, que serviam não só para discussões específicas sobre o projeto, mas sobre tudo que envolvia essa rotina tensa e complexa que era se adaptar à nova realidade imposta sobre os processos educacionais. Nossas reuniões eram um lugar livre para expor as angústias e as dores, as conquistas e alegrias da rotina como docentes e como indivíduos no ensino remoto emergencial. A partir dessas trocas, o projeto foi tomando corpo, ideias surgiram, reflexões foram construídas e as atividades criadas foram sendo colocadas em prática.

Infelizmente para mim, naquele momento já não era mais possível enxergar todas aquelas possibilidades do início. Não me cabia mais tentar construir um TCC naquele momento, diante de todas as incertezas e dificuldades colocadas pela pandemia. Não havia mais em mim a energia e a vontade de construir algo no caos que atravessava todos os âmbitos da vida acadêmica e pessoal.

Mesmo não tendo conseguido realizar minha pesquisa com o projeto naquele momento e com o que foi vivenciado nele, continuei me fazendo presente, participando dos encontros, auxiliando com algumas questões mais práticas aqui e ali, e sempre observando e absorvendo os momentos compartilhados. A partir das experiências, histórias e perspectivas que cada uma delas trazia para os encontros, eu fui capaz de aprender muito sobre o ofício da docência e, principalmente, sobre trabalho em grupo, cooperação e sensação de pertencimento. Hoje realizando minha pesquisa em outro espaço que não aquele, posso dizer, com certeza, que todos os aprendizados e reflexões do grupo me acompanham e me dão forças para concluir minha graduação e seguir em frente na minha formação como professor e educador.

Dos encontros agradáveis e repletos de carinho e dedicação foram surgindo os primeiros materiais produzidos pelas estudantes das turmas de cada uma das professoras do grupo. Estes materiais foram criados como relatos pessoais em forma de vídeo, cartas escritas à mão, desenhos e outras formas

de expressão que se juntaram um tempo depois para dar vida ao livro “Escolas à Beira Mar”. O livro *Escolas à Beira Mar* é um belíssimo compilado desses materiais artísticos que são parte do que foi vivenciado por essas professoras ao longo de 2020. É um conjunto de histórias, sentimentos, vivências e aprendizados que surgiram a partir da iniciativa e esforço de professoras dedicadas, que se juntaram para somar às histórias umas das outras, construindo esse livro incrível e cheio de vida, e que talvez seja parte dos primeiros capítulos de uma possível futura Comunidade de Aprendizagem *Escolas à Beira Mar*.



Capa do livro *Escolas à Beira Mar – Memórias e Percepções*

(des)ensino remoto

Como já foi dito antes, este projeto foi e é inteiramente atravessado pelo ensino remoto emergencial, pelas dificuldades que perpassam a prática da pesquisa e da ciência neste contexto, neste modo apressado e distante de se fazer educação. E sendo assim eu não poderia deixar de discorrer um pouco mais sobre o tema e falar de minhas perspectivas, que são em sua maioria negativas, mas que também reconhecem alguns pontos positivos nisso tudo. São pontos de vista diferentes que se somam na construção deste momento de muitas adaptações, problemáticas e aprendizados na educação.

Behar (2020) diz que o Ensino Remoto e a Educação à Distância não podem ser compreendidos como sinônimos, sendo assim muito importante explicitar os dois conceitos dentro do contexto em que estamos vivendo. É necessário entender o que é e como este modelo emergencial se estabeleceu na vasta maioria das instituições de ensino do país, tanto nas públicas quanto nas particulares.

O termo “ensino remoto” consagrou-se no Brasil para denominar a resposta educacional à impossibilidade das atividades pedagógicas presenciais (SALDANHA, 2020). Surgiu da necessidade de transpor rapidamente o ensino presencial para os meios digitais, na tentativa de se utilizar da internet para aplicar atividades pedagógicas que diminuíssem os impactos no processo de ensino-aprendizagem causados pela pausa das aulas presenciais. Contudo, é problemático pensar a realização de uma transição tão rápida de métodos e ferramentas educacionais em um país onde a grande maioria das instituições não possuem currículos minimamente preparados para serem aplicados remotamente.

A pressa de retomar as aulas e estabelecer novamente o papel social da escola e das universidades na vida da população fez com que muitas etapas importantes do processo fossem atropeladas. O ensino remoto emergencial em muitas escolas se baseou em vídeo-aulas gravadas e atividades escritas para

serem entregues semanalmente, práticas que muito se diferem do ensino a distância que possui metodologias, estratégias e materiais específicos, construídos a partir de estudos e experiência de vários anos (PERELLÓ, 2020).

Em entrevista publicada no jornal O Globo, intitulada “Ensino remoto não é educação a distância”, Andrea Ramal (Perelló, 2020) ressaltou que os seguintes elementos característicos da EaD estariam ausentes nas aulas remotas: criação de uma comunidade virtual para garantir sentimento de pertencimento e promover compartilhamento de experiências; b) atenção a aspectos emocionais do aluno, por meio de ferramentas e ambientes virtuais, visando superar o sentimento de solidão; c) experiência e saberes das professoras em relação às práticas pedagógicas on-line; d) conteúdo ou material didático construído com a participação de designer instrucional e voltado para o aluno a distância; e) disciplina, autonomia e motivação do aluno para estudo e aprendizado em ambiente virtual.

Dentro de todos esses pontos, acredito ser importante enfatizar o quão difícil foi e ainda é o trabalho de professoras que foram dormir como profissionais presenciais e acordaram profissionais online. Behar (2020) cita que o acompanhamento do percurso cognitivo e emocional do aluno pelas professoras ou tutores é um dos fatores que diferencia o ensino remoto do EaD. E analisando esse ponto do texto, me peguei pensando nas experiências durante a pandemia de tentativas de acompanhamento cognitivo e emocional de alunas por professoras. Se este processo já seria complicado em um ensino não presencial comum, creio que tanto no EaD quanto no ensino remoto, qual seria a mínima chance de isso acontecer durante uma pandemia global, com milhares de pessoas morrendo e o caos social instaurado no mundo todo?

O discurso muito utilizado por empresas e empreendedores da educação que defendem o ensino remoto emergencial como a única solução para a interrupção das aulas presenciais deixa de fora uma reflexão importante sobre o real problema da educação brasileira neste momento. A professora Carolina Picchetti Nascimento, em um artigo publicado pelo Centro Acadêmico de Música da UDESC em agosto de 2020 intitulado “Por que ser contra o Ensino Remoto”, nos convida a refletir sobre isso ao dizer que:

Os principais problemas relacionados ao ensino no momento não se devem ao fato de que os membros do ambiente escolar não podem mais se encontrar fisicamente, mas sim ao fato de que o Brasil está passando por uma pandemia, nossas vidas são atravessadas por este fato, e o cenário normal para o sujeito brasileiro agora é marcado por incertezas, inconstâncias, adoecimentos, procedimentos sanitários, dilemas psicológicos, desemprego, e este cenário incerto e crítico atinge todos os participantes do ambiente escolar.

São evidentes as muitas problemáticas que perpassam o tema do ensino remoto emergencial, desde sua prática falha e despreparada até a discussão do interesse econômico e político de mega conglomerados da educação privada em sua implementação e financeirização (TRICONTINENTAL, 2021). Mas, como foi colocado pela professora Carolina, acredito que a maior dificuldade presente na educação atualmente não diz respeito ao modelo escolhido para substituir as aulas presenciais, mas sim ao fato de estarmos vivendo um contexto de crise, pandêmico, caótico e desesperador. A perspectiva principal do problema é muito mais social do que estrutural - apesar da questão estrutural também catastrófica - e é dentro dela que este trabalho se constrói, cheio de travas, confusões, instabilidades e receios.

Parte 3

Volta às aulas

Depois de alguns longos meses de pandemia e quarentena, perto da metade de 2020 saiu a notícia de que as aulas remotas na UFSC começariam em setembro, com as devidas alterações nos planos de ensino e no calendário acadêmico. Durante o período de ajustes eu ainda estava ativo na construção do Centro Acadêmico da Biologia (CABio) e ocupava uma cadeira no colegiado do curso de Ciências Biológicas. Participei na época, em conjunto com demais colegas de curso, das discussões e alterações realizadas nos planos de ensino de todas as disciplinas do curso. Foi um trabalho intenso e cansativo, e que aconteceu ao mesmo tempo em que ocorria uma forte mobilização discente contra o ensino remoto. Uma boa parte da classe estudantil da Bio se posicionou contra o ensino remoto emergencial e houve a criação de Grupos de Trabalho para conseguir manter as estudantes do curso informados sobre todas essas mudanças nas disciplinas e o que elas iriam significar na prática da realização

das mesmas. Foram dias cansativos e tensos que previam o início de um longo e difícil período de um ensino remoto emergencial na UFSC.

O curso de Ciências Biológicas na UFSC tem mais da metade de suas disciplinas com aulas teórico-práticas. Boa parte dessas aulas práticas são imprescindíveis para um real e significativo aprendizado dos conteúdos abordados. A mobilização discente que citei anteriormente ocorreu justamente a partir do entendimento de parte das estudantes e algumas professoras, que a realização de aulas remotas de caráter emergencial seria a certeza do comprometimento da qualidade de ensino do curso. Foi imposto naquele momento um ensino remoto que não teve tempo de preparação por parte nem das professoras nem das alunas, com planos de ensino feitos às pressas por docentes atolados de funções que não fazem parte do seu trabalho e com milhares de estudantes sem condições mínimas de assistirem aulas virtuais ou participarem de forma assíncrona de atividades.

Naquele momento já existiam previsões de que a pandemia no Brasil poderia durar muito mais do que o esperado. Mas acho que a grande maioria de nós não tinha real entendimento do que ainda estava por vir. Talvez por ingenuidade ou a tentativa de ser esperançoso, eu não imaginava na época que estaríamos na metade de 2021 ainda sem vacina suficiente, com o isolamento social vergonhoso na maioria das cidades brasileiras e com um governo federal que quer a morte e a miséria da população brasileira com a total inexistência de um suporte social que possibilite o isolamento de todas as classes. Assim, a crescente intensificação do negacionismo, as ridículas manobras midiáticas e os indícios de corrupção no ministério da saúde constroem hoje a narrativa criminosa por trás das mais de 500 mil mortes por COVID-19 no Brasil.⁴

Hoje, junho de 2021, o ensino remoto emergencial que nos assustava e pelo qual tanto lutamos contra em meados de 2020 é a realidade já acostumada - talvez nem tanto - a todos as educadoras e educandas no Brasil. É dentro dessa realidade que me vi tendo que entender e aceitar que iria me formar sem nunca

⁴ O relatório final da CPI da COVID foi capaz de aglutinar evidências que confirmam as afirmações do parágrafo. < [CPIPANDEMIA - CPI da Pandemia - Atividade Legislativa - Senado Federal](#) |>

mais voltar pra sala de aula como estudante de graduação em Ciências Biológicas na UFSC, e que meu projeto de conclusão de curso de educação ambiental teria que ser construído todo de dentro do meu quarto.

Meu projeto

“Se encerraram hoje as aulas do estágio de ciências, gostei muito da aula da Thaís, acho incrível como ela é muito boa em tudo que se propõe a fazer. Conduziu o tempo e as discussões como se já trabalhasse com essa turma há muito tempo. É bonito demais poder acompanhar essa e outras amizades desde nosso primeiro semestre, ver cada uma tomando um rumo dentro da biologia, amadurecendo as discussões do dia a dia, conseguindo encontrar um percurso próprio e somar tão bem nos espaços por onde vamos passando.

Enquanto que o trabalho se dá praticamente como finalizado para a maior parte da turma de estágio, daqui uns dias estarei começando minha oficina do TCC. A professora Giselle está a uns dias sem me responder, já to meio agoniado. Ela tá me ajudando tanto nesse processo, espero que não me deixe na mão agora na parte crucial. Queria que ela tivesse assistido à minha aula sobre características do som. Mas tudo bem, a turma fez uns comentários bem legais. O professor de estágio saiu da sala logo que acabei os slides.

Preciso escrever o detalhamento da oficina e enviar para a Giselle. Vou enviar também pra algumas pessoas que acho que podem me ajudar a refletir sobre o que planejei. Serão 3 encontros, foi o que ficou combinado com ela. O primeiro encontro da oficina será de introdução ao tema dos serviços ecossistêmicos, segundo encontro de trabalho com as cartas externas, discussão sobre elas e comentários pessoais pra cada uma, e o terceiro encontro para revisar o que conversamos e explicar a atividade da carta ao futuro. Acho que é isso, espero que dê tudo certo.”

Trecho retirado do meu Diário pessoal da Disciplina de Estágio no Ensino de Ciências, 5 de maio de 2021.

Grande parte das atividades realizadas em minha oficina foram fruto da minha experiência com o grupo Escolas à Beira Mar (EABM). Foi ali que eu vi como o caminho do projeto recriado pelas professoras foi se concretizando no decorrer de suas aulas e encontros e dando frutos, tanto materiais quanto subjetivos. Estes últimos talvez menos palpáveis, mas de enorme significado. Foi a prática e o exemplo delas que me fez querer usar aquelas ideias como base para criar também a minha vivência pessoal de pesquisa, como construtor de uma própria oficina, orientando uma turma sozinho pela primeira vez.

Depois de ter acompanhado a trajetória do EABM ao longo de 2020 foi a minha vez de decidir como e onde aplicar o que aprendi e pude levar de minhas vivências com o grupo. Queria ter a experiência de ver mais de perto a realização dessas atividades que geraram frutos tão cheios de histórias e emoções. Precisava de uma professora parceira, de um colégio e de uma turma, ou turmas, não sabia ainda o que iria acontecer. Infelizmente, várias das professoras do projeto trabalhavam como ACT e não tinham certeza de onde estariam no próximo semestre e se conseguiriam que eu pudesse trabalhar com uma de suas turmas de ciências.

Neste momento eu estava prestes a começar a disciplina de Estágio em Ciências, e foi ali que a partir do contato com a professora Giselle eu descobri um possível onde e como realizar minha pesquisa. A professora Giselle faz parte do corpo docente do Colégio Aplicação há vários anos, e realiza um trabalho muito legal com as turmas de ciências do nono ano. Quando expliquei pra ela minha ideia e perguntei se ela poderia me ajudar de alguma forma, ela logo se prontificou e indicou algumas possibilidades de como poderíamos trabalhar juntas. Ela explicou que o Colégio Aplicação realiza todo semestre uma experiência de Iniciação Científica (IC) com as turmas do nono ano, e que a temática do meu projeto se encaixava muito bem em um dos eixos de pesquisa dessa experiência em IC. Disse também que me cederia alguns encontros para trabalhar com a turma pela qual ficasse responsável.

Lembro que apesar de ter começado a trilhar o caminho de construção de minha pesquisa bastante tempo antes desse momento, foi ao final do Estágio em Ciências e prestes a iniciar os encontros síncronos da oficina, que senti como

se um apito de largada tivesse soado. O processo até aquele momento havia sido todo teórico, muitos dias sentado em meu quarto em frente ao computador buscando referências e inspirações de como imaginar, construir, aplicar e analisar minha oficina e os materiais que seriam produzidos a partir dela. Por bastante tempo as ideias existiam, eu sabia o que queria fazer na prática, mas não tinha muita noção de como transformar aquelas ideias em pesquisa, como embasar corretamente o que eu queria fazer em sala de aula e como escrever sobre tudo aquilo.

Eu nunca havia escrito sobre uma pesquisa em educação, e apesar de já ter participado e colaborado com vários espaços teóricos e práticos de educação ambiental nos meus anos de graduação, não sabia muito como relatar esses processos e nem como analisá-los cientificamente. Felizmente, com a ajuda de alguns amigos e professoras pude começar a encontrar em alguns textos de colegas da biologia e outros materiais relacionados exemplos de como escrever meu trabalho. Através dessas leituras comecei a ter a sensação de que a escrita deste texto poderia ser algo mais leve e informal do que eu imaginava.

Um desses materiais com que cruzei pelo caminho foi um texto de Janice Zanco, bióloga e mestre em educação pela UFSC, intitulado “Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri”. O texto conta a história dessa bonita pesquisa de mestrado em educação ambiental que utilizou da imaginação, do faz de conta e do folclore local para inventar uma narrativa de pesquisa de educação ambiental sobre o Parque da Lagoa do Peri e seus habitantes.

Em seu texto Janice disserta bem sobre uma diferente perspectiva de educação ambiental existente, uma perspectiva crítica de educação ambiental contaminada pela arte e pelo sensível. Ali narra também da importância da constante busca pela reflexão sobre a prática das mesmas. Baseando-se em autores como Marcos Reigota, Leandro Belinaso e Valdo Barcelos, Janice diz em seu trabalho que “um papel importante da educação ambiental é levar os sujeitos a pensarem sobre os modos como enxergam os lugares onde vivem” (ZANCO, 2012, p. 17). Essas palavras de Janice me deram um suporte teórico e emocional para a prática de minha oficina, visto que esta se utiliza da escrita

pessoal como uma ferramenta de resgate de memórias e reflexões a partir dessas memórias para que se façam possíveis novos modos de enxergar o lugar em que se vive.

Em um enxergar da Ilha através de memórias e afetos em e com seus ambientes naturais é possível enxergar também a importância desses sentires na história e construção individual de cada um e, assim, conseqüentemente enfatizar a importância de que esses ambientes existam e continuem existindo na vida das pessoas e das comunidades que nela habitam.

As cartas

As cartas sempre foram uma certeza de eixo principal da oficina. Uma certeza advinda do que vi ser produzido de forma tão bonita nas atividades das professoras do EABM. Ao longo da busca por outras inspirações e exemplos de pesquisa com utilização das cartas, cheguei em alguns trabalhos que muito me ajudaram a entender não só porquê, mas como as cartas são uma ferramenta e um caminho tão possível na educação e na educação ambiental.

A maioria desses trabalhos veio até mim por indicação, e um dos que mais me tocou e me fez refletir sobre o tema das cartas na pesquisa veio por indicação do professor Leandro Belinaso, uma pessoa doce e um docente incrível do qual tive o prazer de ser aluno na disciplina de Metodologias de Ensino em 2020, e que aceitou ser consultor do meu projeto inicial. Em seu parecer sobre meu projeto Belinaso me recomendou vários trabalhos, dentre eles um texto do professor Marco Barzano, em específico o texto intitulado “Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor pesquisador-extensionista de educação ambiental”. O texto de Barzano, além de trabalhar o tema das cartas, me veio como um ótimo exemplo metodológico do uso das narrativas (auto)biográficas como ferramenta de produção textual e de conhecimento. Nesse seu trabalho de 2019, Barzano considera que as cartas são um dispositivo importante na possibilidade de criação/invenção que pode ser desenvolvido nas pesquisas no campo da Educação.

Um outro texto que me cativou na temática das cartas foi o de Paiva (2006), no qual segundo ele, escrever cartas, antes mesmo de ser uma reconhecida forma de se comunicar produzindo interação social, é um ato intrinsecamente ligado à memória e, como tal, também ligado ao arquivamento do eu. Este trecho de Paiva é particularmente importante na perspectiva deste trabalho pois ao buscar trabalhar afetividades com os ambientes naturais e os serviços ecossistêmicos culturais de Floripa, busquei reviver e utilizar das memórias das estudantes e participantes como o principal meio para a criação de suas escritas e reflexões.

A oficina

Dia 6 de maio eu viajei pra Goiânia para passar o dia das mães com a minha família. Uma viagem que só foi possível graças a um dos pontos positivos do ensino remoto, poder viajar pra ver a família mais vezes por ano. O primeiro encontro de minha oficina estava marcado para o dia 19 e antes de sair de Floripa, eu quis deixar um esboço por escrito do que havia pensado para as três semanas de oficina que viriam em breve. Escrevi uma sequência didática da forma como achei que me ajudaria a acompanhar o processo e que também explicasse as etapas da oficina para o leitor. Ao finalizar o plano, o enviei para algumas amigas próximas para que pudessem observar com outros olhos e talvez me apontar perspectivas outras que me passaram despercebidas. A seguir está a sequência da forma como a escrevi na época.

“Sequência Didática da Oficina:

Resumo

Realizar oficinas é uma ação que pode ter tantas justificativas e razões, e que pode ser definida por muitos termos diferentes. Pode-se dizer que são experiências educativas, uma modalidade educativa, uma prática em educação, uma forma de circulação de saberes, uma ferramenta,

um campo autônomo de pesquisa, uma estratégia, um fazer, uma modalidade de trabalho educativo (RIBEIRO, 2017) ... são diversas as possibilidades. Me encanta a versatilidade e a imprevisibilidade dos caminhos de uma oficina. E mesmo que dentro do formato do ensino remoto sejam diminuídas as opções e interações que as oficinas oferecem, ainda acredito que há uma grande potência em se construir relações pedagógicas por esse caminho.

Neste projeto, uma vivência pedagógica em educação ambiental, pretendo utilizar dessa potência que habita a realização de oficinas para tratar do tema dos ambientes naturais de Floripa através da realização de oficina que irá envolver leitura e escrita de cartas buscando resgatar memórias e afetividades das estudantes com os ambientes em que vivem, visitam ou visitaram. Quero enfatizar ao longo do processo a importância da biodiversidade e da manutenção de ambientes naturais, da beleza das relações estabelecidas de maneira harmoniosa entre comunidade e natureza e dos diversos benefícios pessoais e coletivos advindos dessas relações.

Encontros

Turma com 12 alunas do nono ano, participantes do projeto de iniciação científica do Colégio Aplicação.

1º dia: 19/05; 1h aula

Objetivos:

1 - Resgatar e refletir a existência de conhecimentos prévios sobre serviços ecossistêmicos culturais e seus papéis na sociedade e na natureza através de uma perspectiva de memória e afetividade.

2 - Explorar a criação de conhecimentos adicionais sobre serviços ecossistêmicos culturais da Ilha, estabelecendo relação com exemplos reais do cotidiano da cidade e seus habitantes.

Desenvolvimento

1º momento: Apresentação geral do professor, do projeto, dos objetivos da pesquisa e perguntar se todos estão de acordo em participar das atividades de escrita, leitura e interação com a turma. Apresentação do vídeo da Anna Julia (arquivo da professora Ana Maria - EABM)⁵

2º momento: A discussão com perguntas: Quais ambientes naturais de Floripa você costuma passear com sua família e existe um lugar

⁵ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1v6giFU19IQX45gZON3XTnt9rPsnU6n4E/view?usp=sharing>

preferido?; Desde que idade você lembra de realizar passeios na natureza por lazer?; O que você faz nesses passeios? ; Que tipo de emoções e sentimentos você sente quando faz esses passeios e por que acha que isso acontece?

3º momento: Apresentação expositiva com slides, textos, imagens e vídeo sobre o tema e discussão sobre conhecimentos prévios do tema dos serviços ecossistêmicos culturais. A partir dos materiais apresentados as alunas serão estimuladas a estabelecerem relações entre o que foi mostrado e exemplos do cotidiano da Ilha e região, resgatando memórias pessoais a partir dos exemplos trazidos e como se sentiram e sentem quando em contato com essas situações e lugares.

4º momento: Elaboração individual de um parágrafo sobre memórias e lembranças, serviços ecossistêmicos culturais e sobre o que foi discutido no encontro

5º momento: Atividade para casa: questionário com familiar sobre lembranças e sentimentos com os ambientes naturais que mais gostam de Floripa.

2º dia: 26/05; 1h aula

Objetivos:

1 - Aprofundar a discussão sobre serviços ecossistêmicos culturais.

2 - Proporcionar um mergulho em uma atividade de leitura em grupo, buscando associar os textos com a temática abordada anteriormente, e propor uma dinâmica de escrita individual.

Desenvolvimento:

1º momento: Retomar as discussões da semana passada, fazendo uma breve revisão do que foi discutido.

2º momento: Apresentar os textos selecionados para o encontro (cartas de Anselmo, Paulo, Alessandra e poema de Fritz), avisando a turma sobre a escolha de uma palavra preferida de cada texto antes de realizar a leitura dos mesmos para seguinte escrita de um comentário para cada carta utilizando a palavra escolhida. Os textos foram colocados nos slides para melhor acompanhamento.

3º momento: Após a leitura dos textos analisar quais foram as palavras escolhidas e porquê. Pedir então para que construam um breve comentário com dois ou três parágrafos sobre cada uma das cartas utilizando a palavras escolhida ao longo do texto

4º momento: Realizar a leitura dos textos escritos (quem não se sentir à vontade para ler o próprio texto pode escrevê-lo no meu chat privado e eu leio para a turma, sem necessidade de identificar o autor) e conversar sobre o que foi compartilhado no texto

3º dia: 02/06; 1h aula

Objetivos:

1 - Revisitar as atividades realizadas, as reflexões criadas e os materiais produzidos.

2 - Propor a realização da escrita de uma carta pessoal para o futuro que seja feita a partir do resgate das discussões dos dois primeiros encontros e que a mesma seja guardada para ser lida novamente daqui 5/10 anos.

Desenvolvimento:

1º momento: Retomar as atividades realizadas ao longo dos dois últimos encontros em uma conversa inicial com a turma, trazendo os materiais produzidos. Introduzir a temática das cartas pessoais, estrutura, possibilidades, intenções.

2º momento: Explicar a proposta final dos encontros sobre a escrita de uma carta pessoal endereçada ao futuro, podendo ser para ela mesma no futuro, para um colega, para o Planeta Terra, Gaia ou outro alguém de escolha individual. Buscando colocar nesta carta a junção das reflexões geradas e discutidas nos encontros e o que mais desejarem falar. Será mostrado nesse momento alguns exemplos de cartas criadas por estudantes que participaram do projeto do grupo Escolas à Beira Mar no ano de 2020 para melhor entendimento da proposta e incentivo criativo.

3º momento: Pedir para que me informem no chat o destinatário escolhido e que comecem a escrever a carta nos minutos restantes para que digam as primeiras ideias que forem surgindo durante a escrita.”

Sequência Didática da oficina, maio 2021.

Até aquele momento eu tinha matutado muitas possibilidades plausíveis ou não de como seria a parte prática de minha oficina. Eu que sempre acreditei muito no poder coletivo e na beleza do trabalho em conjunto, fui feliz ao encontrar com Ribeiro (2017), que em sua dissertação de mestrado, ao citar Ander-Egg (1991, p.10), diz que oficinas são “uma forma de ensinar e aprender mediante a realização de algo, que se faz conjuntamente. Um aprender fazendo em grupo”.

As ideias, histórias e processos narradas por ele em seu texto me encheram de certeza de que o processo de criação e realização de uma oficina de educação ambiental é atravessado por várias potencialidades e diferentes desfechos possíveis.

O primeiro encontro aconteceu enquanto eu ainda estava em Goiânia. Na verdade, todos os encontros aconteceram enquanto eu estava viajando, ou em Goiânia na casa de minha mãe ou em São Paulo na casa de minha irmã. E, apesar dessas grandes distâncias geográficas, a realidade é que, para o andamento do que tinha sido planejado, pouco importava onde eu estaria durante os encontros síncronos. A maior e mais evidente distância que se fez presente nos encontros foram as câmeras desligadas, os microfones mutados e o fato de eu nunca ter visto o rosto de nenhuma das estudantes que participaram de minha oficina.

A princípio, a turma que trabalharia com a professora Giselle tinha 10 estudantes do nono ano. Para um trabalho de resgate de memórias, busca por afetividades e criação de escritas pessoais, 10 é um bom número, dá a chance de criar um vínculo mais próximo com cada um e ainda assim poder obter uma quantidade de materiais que cria a possibilidade de muitas reflexões e perspectivas sobre o que foi desenvolvido. Mas, assim como é normal de se esperar que nem todas as estudantes de uma turma presencial entreguem tudo que lhes é pedido, era evidente que através do ensino remoto esse número poderia ser ainda menor. Mesmo ciente de que trabalhar com uma turma pequena nesse formato seria um processo rodeado por incertezas e imprevistos, eu tinha esperança de que a turma seria participativa nos momentos síncronos e atenciosa com as propostas de atividades colocadas.

Meu maior interesse durante os encontros eram as histórias e desdobramentos do que seria contado e escrito pelas estudantes. Essa busca pelo resgate de memórias e afetividades com os ambientes naturais demandaria “uma escuta mais ampla, capaz de escutar sussurros, silêncios, ruídos do não dado, do desconhecido no pensamento” (PREVE, 2013). Essa escuta atenta, em conjunto com a paciência necessária para que a ação do silêncio e do tempo se fizessem presentes, me aproximaram da prática de uma pesquisa cartográfica,

que como diz Juliana Pereira (2016, p. 18) “tem como desafio acompanhar processos”, e “é um procedimento que se dá no acompanhamento dos percursos a partir dos efeitos causados pelos encontros em um campo sensível, produzindo outras e novas subjetividades”.

Escritas construídas

As estudantes dessa turma, assim como geralmente são as demais turmas do Colégio Aplicação, são moradoras de vários bairros diferentes da Ilha, e sendo assim, desde o princípio fazia mais sentido que as histórias construídas nos encontros também fossem de diferentes locais de Floripa. Algum tempo depois percebi que existiam perspectivas não só de diferentes locais geográficos nas atividades propostas como também de diferentes locais no tempo em que as histórias são contadas. Como na carta da professora Alessandra, na qual ela relata histórias da ilha dos anos 80 e de quando era criança. E ao observar a oficina por esse ponto de vista, as cartas externas selecionadas para o segundo encontro da oficina fizeram com que esses olhares entre tempo e espaço se evidenciassem no percorrer da oficina e na construção da proposta de escrita das cartas ao futuro.

Neste capítulo estão algumas escritas que foram produzidas a partir dos encontros da oficina. Podemos separá-las por etapas. Primeiro existem as cartas externas, escritas pelo colega e professor Victor Anselmo, pelo professor Paulo Horta e pela professora Alessandra Fonseca, e uma carta do naturalista Fritz Muller que foi escrita para suas filhas. Depois temos as escritas das estudantes e de seus familiares que foram produzidas em três momentos. O primeiro momento de escrita foi através da realização de uma entrevista com algum familiar, o qual tinha que contar uma história pessoal vivida em um ambiente natural da Ilha. O segundo momento se deu a partir da escrita de comentários pessoais das estudantes feitos a partir da leitura das cartas externas, em que cada estudante deveria escolher uma palavra que lhe chamasse mais atenção de cada texto e tecer um breve comentário sobre a carta. E por último a atividade final de escrita da carta ao futuro, em que as estudantes deveriam escrever para si mesmos no futuro ou outro alguém de sua escolha, para daqui cinco ou dez anos, contando seus pensamentos e opiniões sobre como os ambientes abordados na oficina eram no passado, como estão hoje em dia, como acham que estarão no futuro e como gostariam que estivessem.

Cada um dos textos, tanto as cartas como os comentários, contam uma história, uma perspectiva, uma memória, um contexto pessoal único. Acho sempre interessante buscar entender como a história ali escrita se relaciona ou parece com alguma experiência pessoal minha. Por exemplo, quais os cheiros e paisagens que existem na trilha do poço, que eu sei que despertam emoções e memórias em mim, que também fazer surgir sentimentos parecidos em quem escreveu. Quando penso nessas relações, penso em como uma memória de uma viagem de bike de três dias pela ilha me fez enxergar a grandiosidade de belezas da Ilha que eu nem conhecia, como meus olhos naqueles dias se tornaram outros e passaram a ver tudo ao meu redor com mais intensidade e deslumbre. Pode ser que a experiência que a história nos conta também tenha sido um desses momentos transformadores pra quem a escreveu, que viram uma chave dentro de nós e nos permitem experienciar os próximos momentos de nossas vidas com novos olhares, rodeados de mais beleza e atenção aos detalhes.

Cartas externas

Carta de Victor Anselmo:

Queridos e queridas,

Fiquei radiante com o convite do professor Bruno para escrever essa carta. Uma carta sobre minhas memórias com os ambientes de Florianópolis, mas endereçada a vocês, estudantes do Colégio de Aplicação. Pode parecer uma vida inteira, mas até dois meses atrás eu ainda era professor na escola e é incalculável o tamanho da saudade que sinto - nem mesmo um professor de matemática saberia calcular esse tamanho.

É bom pensar em Florianópolis. Que bem prefiro chamar de Desterro ou de Ilha de Santa Catarina, já que seu nome atual é o resquício a violência de um antigo presidente militar chamado Floriano Peixoto, que muito maltratou nosso país e certamente nossa cidade. Então eu vou contar histórias que são daqui de Desterro, que estão pra sempre guardadas no meu baú de memórias. Histórias que vão de norte ao sul, de Sambaqui ao Pântano, porque eu vivi me mudando de uma praia para a outra; de um mar para o outro; de uma onda mansa para um caixote brabo. Decidi contar dois causos desse meu tempo de moleque.

A primeira história se passa em Sambaqui. Eu devia ter já uns quatorze anos. Eu já estava no ensino médio, no primeiro ano. Morava muito perto da praia e adorava ir caminhar de noite na orla. Ali onde morava existe uma ilhota que é na verdade um istmo, também conhecida como pitangueiras, um pedaço de terra que se projeta pra dentro da água e que é muito arborizado. Vocês já devem imaginar que neste local, quando cai a noite, não tinha ninguém. Hoje eu não sei se é assim, mas nessa época era muito vazio e silencioso. Só ficava no ar o barulho ronronante das ondas e o cricrilar dos insetos. Eu escapava pela janela do quarto - para não acordar minha família - quando era madrugada, não porque ia fazer estrepolias, mas porque gostava de conversar com o mar. Ele não respondia, é claro, mas eu ficava sentado no costão rochoso falando alto, cantando, e pode parecer loucura, mas eu tinha muita coisa pra contar e muitas perguntas pra fazer.

O que eu considero mais especial deste meu ritual noturno é que, apesar de ser o único na ilha, eu nunca me sentia sozinho. E na verdade, muitas vezes animais apareciam pra me cumprimentar. Uma vez foram os ctenóforos, que são umas águas-vivas muito esquisitas com formato de pente que brilham no escuro; elas não nadam e são levadas pela água, mas quando se chocam com as pedras produzem um brilho luminoso. Vocês já viram? É apaixonante. São como vaga-lumes que nadam. Aliás, vaga-lumes também não faltavam. Uma vez vi uma revoada com dezenas, talvez centenas! Mas foi uma em uma única noite - depois isso nunca mais se repetiu. Já o maior bicho que apareceu para me fazer companhia foi uma coruja buraqueira, que me deu um susto gigante. Eu fiquei horas sentado sem prestar atenção que do meu lado estava ela, quietinha, me observando.

A coruja é o animal símbolo da filosofia (hoje eu sei disso, mas na época acho que não), porque ela espera a noite cair para levantar seu voo, ou seja, ela só vem contar histórias quando todo mundo já fez o seu trabalho. Eu gosto destas memórias noturnas. Elas têm para mim um ar de filosofia. Hoje colocaram muitas luzes no local. Como estão fazendo em várias praias da ilha. Estão colocando postes na faixa de areia e fica tudo iluminado. Depois que eu

cresci, e me mudei, perdi um pouco o hábito de fazer esses passeios. Então não sei dizer se é tão gostoso ir na praia hoje com as luzes que colocaram, quanto era na época da minha adolescência.

A segunda história que eu quero contar é Lá no Pântano do Sul, onde mora meu pai e onde eu vivi três anos, quando comecei a estudar na faculdade. Meu pai é pescador, tem um rancho na Tapera, mas deixa seu barco com a associação de pescadores da praia da Armação. Não sei se vocês sabem, mas aquela é uma comunidade pesqueira muito antiga. Ali é um ótimo local para deixar os barcos “estacionados”, porque o encontro do riozinho que sai da Lagoa do Peri e encontra a praia do Matadeiro e a ilha das Campanhas, construiu a geografia perfeita: uma baía de água mansa, que protege as embarcações de rajadas de vento muito intensas e de marés altas e baixas. São poucos os locais no leste da ilha que possuem essas características. No passado, a comunidade que vivia neste local pescava baleias, as abatiam na areia e utilizavam sua gordura para diversas fabricações. Por isso que as praias se chamam Armação e Matadeiro, eram nomes utilizados em referência à atividade de caça às baleias.

Enfim, hoje isso não acontece mais. Quem tem barco na Armação usa ele para fazer passeios até a ilha do Campeche ou para pescar peixe mesmo. Eu sempre ouvi histórias de animais marinhos que meu pai encontra em suas viagens pelo mar do sul. Lontras, baleias, golfinhos, pinguins, tartarugas, Leões-marinhos, focas, tartarugas, cavalos-marinhos, tamaracas, camarões, tubarões, arraias etc. Algumas histórias pareciam tão exageradas que eu dizia “iiih, isso é história de pescador”. Leão-marinho em Florianópolis? Isso sem contar nas histórias de embruxamento, boitatá e disco voador.

Um dia, no entanto, fui chamado para ajudar em uma tarefa. O barco precisava ser levado da praia do Pântano do Sul para a praia da Armação. Estava se armando uma tempestade e seria preciso guardar o barco no lugar apropriado. Saímos correndo, entramos na água e zarpamos. O caminho é de fato fantástico. Quem já foi passear de barco para a Lagoinha do Leste deve conhecer o caminho. Por ali existem cavernas destas de filme norte-americano, despenhadeiros em que a água do mar avança. Com sorte se encontra um ou outro pinguim, uma ou outra tartaruga no caminho. E qual não foi minha surpresa quando eu vi o primeiro Leão-marinho de minha vida. Um animal marrom, enorme, maior e mais pesado que o próprio barco, nadando em nossa direção, olhando para nós com seus olhos parrudos e negros, os bigodes brancos e longos repletos de sal. Era um bicho audacioso, ficou seguindo o caminho do barco ao nosso lado. Quando falávamos algo sabíamos que nos ouvia. Não devíamos provocar, claro, afinal um único safanão de um de seus braços poderia afundar o pequeno barco de madeira. Em determinado ponto ele se afastou, para meu alívio, mas só fez isso porque encontrou, no costão rochoso, outro macho e três fêmeas que pegavam sol. Estavam Lá, esticados na pedra, pegando um bronze. Calmos, mas atentos. Foi uma maravilha poder ver estes animais assim, tão de perto.

Depois fiquei sabendo pelos pescadores que estes animais estão aparecendo cada vez mais e se “fixando” na região. Eles gostam de comer peixe e aproveitam as redes colocadas de um dia para o outro para ir fazer uma boquinha. Entram no cerco formado pela rede e se fartam de comer o peixe que já foi pescado. Fica na rede, presos pela boca, alguns restos dos peixes, o que enche os pescadores de frustração e também de raiva. É uma situação bem complicada. Eu lembro de nesse dia ter chegado a ver um destes Leões-marinhos buscando comida em uma rede de pesca. Ele mergulhava e aparecia com o peixe na boca, ou então a gente via o peixe tentando escapar pulando da água.

Quando o professor Bruno me convidou para escrever este texto, lembrei de cara dessas duas histórias. Elas não são nada fantásticas, nem muito mirabolantes, mas elas marcaram a minha vida. Eu não esqueço nunca. Elas também me ajudam a entender minha própria trajetória, quem eu sou hoje e quem eu fui no passado. Acho que Levo dentro de mim um punhado de mar, de areia da praia, de vento, de Lua cheia, de brilho de estrela, de vaga-Lume e de Leão-marinho. Também gosto de pensar que a nossa cidade, cheia dessas magias, como dizem, é um território que guarda muita cultura destes anos que passaram e que estão presentes em cada bairro, de diferentes formas. Pode ser na arquitetura das igrejas, nas marcas deixadas nas pedras ou nos museus criados justamente pra isso. Fico com a sensação, depois de escrever este texto, de que também isso a gente leva dentro da gente, às vezes sem nem perceber.

Para finalizar, deixo o trecho de uma música que eu amo, de um álbum que eu amo. Existe uma banda chamada Grupo Engenho que foi muito famosa e muito importante para a história da música catarinense na década de 1980. Eles eram daqui de Desterro e suas músicas tem sempre esse pano de fundo. O disco que eu vou citar pra vocês se chama “Vou botá meu boi na rua”, e foi lançado em formato de LP. Na capa dá pra ver um prédio antigo pixado com a frase que dá título pro álbum e os integrantes da banda correndo na direção contrária. Como eu era vizinho do vocalista dessa banda, eu ouvi muitas vezes esse álbum. Ele está inteirinho no youtube, mas a gente não acha em outros aplicativos, infelizmente.

“Vão, eles vão
 Contra o vento e o tufão
 Cedem se levantam
 Pra lutar com o mar
 Sem saber ao certo
 Se um dia vão voltar

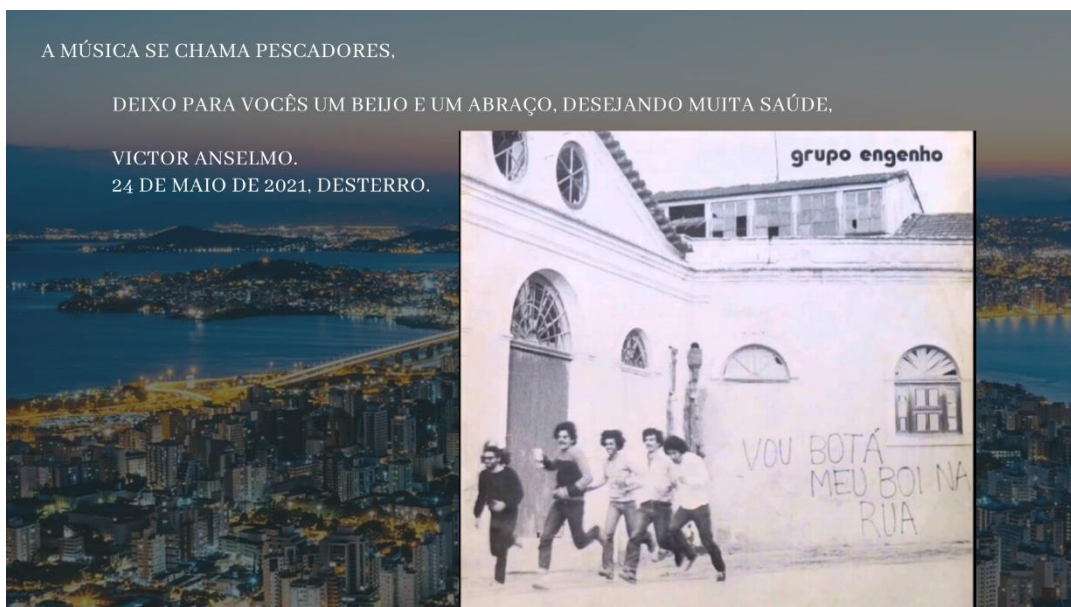
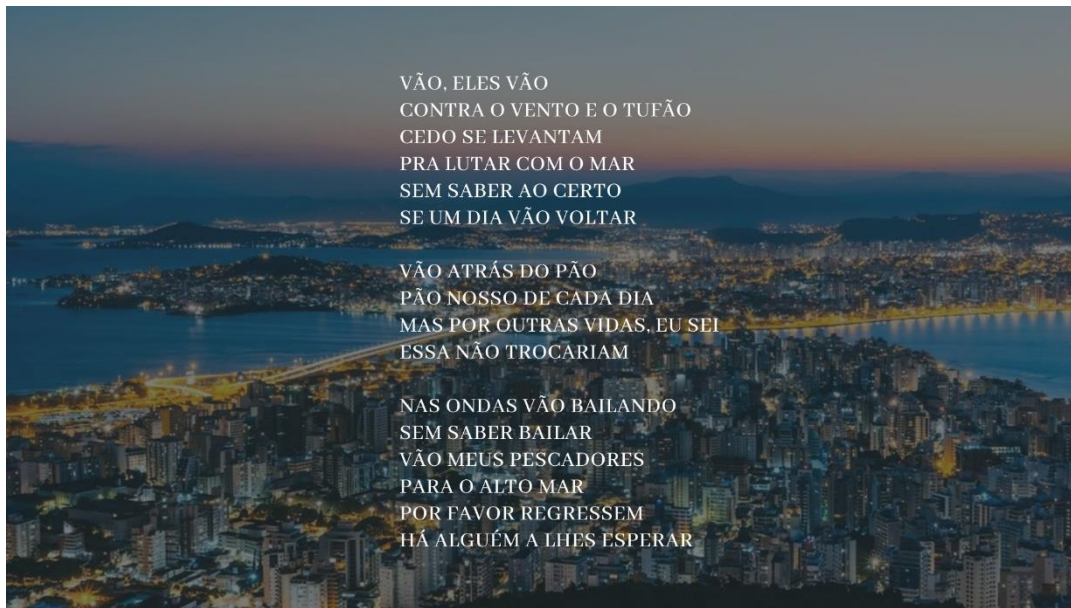
Vão atrás do pão
 Pão nosso de cada dia
 Mas por outras vidas, eu sei
 Essa não trocariam

Nas ondas vão bailando
 Sem saber bailar
 Vão meus pescadores
 Para o alto mar
 Por favor regressem
 Há alguém a lhes esperar.”

A música se chama pescadores,
 Deixo para vocês um beijo e um abraço, desejando muita saúde,

Victor Anselmo.

24 de maio de 2021, Desterro



Imagens dos slides utilizados no segundo encontro da oficina.

A carta do Victor é o primeiro dos quatro textos que compõe esse momento da oficina. Não foi pouca a emoção sentida nas primeiras vezes em que li suas histórias, na bela maneira que descreve suas experiências nesses lugares mágicos da Ilha. Escolhi o texto de Victor como o primeiro dos quatro textos a ser lido pois acreditei que assim como ele foi capaz de me transportar para os ambientes da história e me cativar do começo ao fim a ir atrás de viver aventuras parecidas com aquelas ali descritas, também o faria com o restante da turma e ajudaria assim a compor o ambiente imaginário reflexivo e criativo que eu havia imaginado ser necessário pra construção das escritas seguintes.

Um tempo depois quando parei para ler os comentários das cartas percebi que o que eu almejei tinha realmente se concretizado. A carta do professor Victor foi capaz de inspirar magia, aventura, curiosidade e memórias, muito do que eu achei ser imprescindível para que a oficina tivesse sucesso no âmbito de uma educação ambiental crítica, realçando a importância dos serviços ecossistêmicos culturais em nossas vidas pessoais e como comunidade. Nos comentários das estudantes apresentados a seguir é possível entender melhor as emoções e perspectivas criadas a partir dessa leitura e um pouco das peculiaridades e histórias de cada uma das estudantes.

Comentário de Lari⁶

“1- Eu escolhi a palavra Coruja-buraqueira, porque me lembra da palavra barraqueira, então me vem uma a imagem bem tosca de uma coruja muito brava e metida. Essa carta me faz sentir como se eu estivesse lendo um livro de fantasia. As experiências e vivências que ele conta, parece tudo tão mágico, mas simples ao mesmo tempo. Me deu muita vontade de viver o que ele conta, tipo, ir de noite e falar com o mar.”

Comentário de Elô

“A palavra que eu escolhi foi coruja buraqueira, porque além de serem a minha ave favorita elas são muito espertas e lindas, na minha opinião elas são divinas. O meu comentário sobre a carta é sobre a reflexão que ele faz na carta, sobre quem a gente é hoje e quem a gente foi, eu geralmente penso sobre essa questão,

⁶ Os nomes são fictícios para preservar a privacidade das estudantes.

no geral eu gostei bastante do texto. Posso não ser manezinha, mas gostaria de vivenciar todas essas experiências que o vitor teve, deve ser demais.”

Comentário de Malu

Essa carta, ela fala de pensamentos de quando a gente vai ficando mais velho, a gente vai guardando esses pensamentos em caixas de baú, podem ser todos os pensamentos bons, e os pensamentos ruins, mas os bons a gente sempre quer lembrar para poder falar.

7

Comentário de Cazé

“a palavra que escolhi foi sambaqui na primeira carta. Ouvindo a carta do do prof senti um uma certa alegria e empatia, porque durante alguns meses da minha vida eu morei no sambaqui também, e fazia a mesma coisa que ela fazia, saía de madrugada e ia ver o mar eu ficava em um local meio escuro e isolado, sempre vendo o mar e as estrelas.”

⁷ Optei por colocar os comentários da turma exatamente como me foram enviados. Creio que a visualização das variações e erros ortográficos também retratam um aspecto do ambiente remoto, assim como os diferentes tipos de arquivos enviados (prints de celular, arquivos em pdf, word, png).

Carta de Paulo Horta:

Uma manhã de domingo

Hoje, nesse outono friozinho, foi duro levantar cedo da cama.. mas eu precisava gravar aula para mais uma semana pandêmica de uma universidade de atividades remotas, mas mais presente que nunca na rotina de nossa sociedade. Aproveitei o final de semana para acampar na Barra da Lagoa com a família, em um camping que gostamos muito. Dormir escutando o barulhinho bom do mar é gostoso demais! Depois dessa noite que quebrou a rotina e de embalar o espírito, Lá fui eu. Levei meu celular, um cabo de vassoura para adaptar um tripé e um monte de histórias para contar. Com esses saberes e ferramentas de trabalho, Lá fui eu, como milhares de professores todos os dias vão munidos com suas incertezas e de um compromisso visceral com nossos alunos e sociedade.

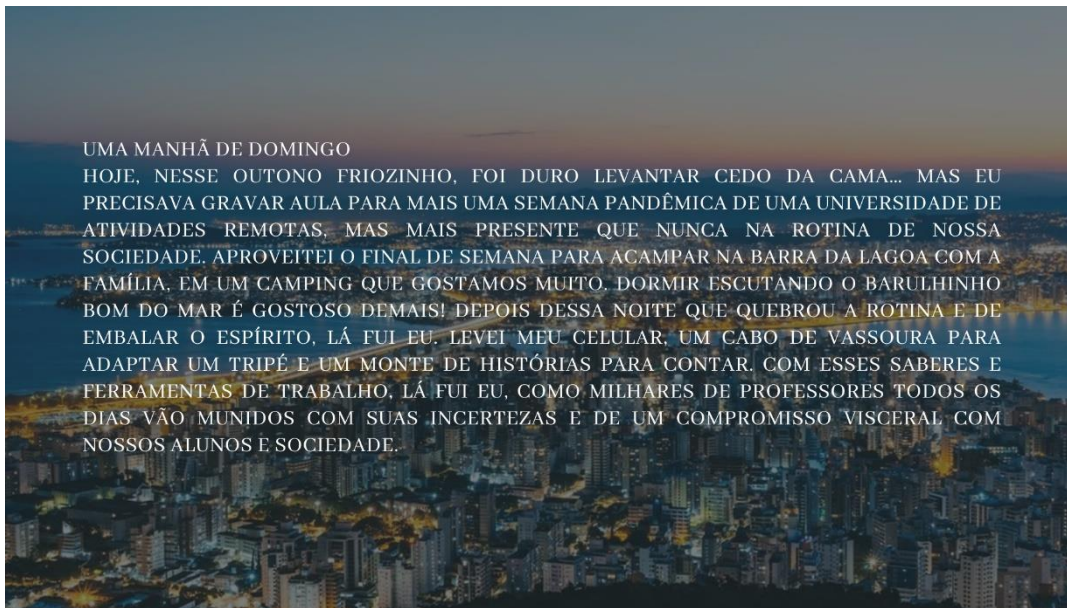
Hoje precisava gravar uma aula sobre a origem da vida. Nada melhor que buscarmos inspiração, sons e cores de um oceano que ainda guarda algo dos primórdios de sua origem. É nesse ambiente, que no Brasil é conhecido como Amazônia Azul, sentindo o cheiro de uma maresia ainda acordando, quando os raios de sol tocam pela primeira vez suas águas, que nos deparamos com símbolos das muitas transformações que o nosso litoral e seus ambientes passaram ao longo de sua história. Essa vida que surge muito antes de termos os primeiro animais e plantas no planeta. Esse momento apesar de distante deixou seus registros em fósseis mais antigos que dinossauros. Esse passado bem distante reforça que a base da existência é simples e com ela encontramos toda a sua robustez e vulnerabilidades. Essa vida se vale de interações dinâmicas e harmônicas entre espécies de diferentes cores, tamanhos e tribos, e entre tudo isso que é vivo com a água, a terra e o ar. Essa vida filtra nossas águas e mantém habitável nosso planeta, produzindo o oxigênio fundamental para nossa existência.

É vivenciando nossos ambientes que vamos nos apercebendo de suas importâncias. Hoje voltando meu olhar para esse vai e vem de ondas, para as cores que delas se desprendiam ao longo da alvorada fui acordando para essas belezas e interdependências. Nessas horas acordamos junto com os bem-te-vis, Aracuãs, Quero-Queros, muitas Gaivotas, siris e peixes exibidos que saltavam pra fora da água expondo seu brilhantismo. Para bom observador estas belezas diariamente nos avisam das nossas responsabilidades e oportunidades de zelar por tudo isso e por nós mesmos.

E foi nessa explosão de pensamentos, enquanto escolhia minha sala de aula, chegaram os primeiros pescadores, munidos de chimarrão, cuia, e tarrafas nas

garupas das bicicletas. Nessa hora fica ainda mais evidente o quanto somos parte da natureza e delas dependemos. Cada qual com seus apetrechos Lá fomos nós! Em um cantinho de duna entre a restinga e a praia, posicionei meus apetrechos para levar mais longe as cores e sons de toda a história da origem da vida. Difícil fazer caber tudo isso que tem cheiros, texturas e entropias variadas nas artificialidades e bidimensionalismo do ensino remoto. O sol já estava alto quando terminei meus monólogos, que sempre tenho a esperança de serem suficientes para amenizar as deficiências pedagógicas impostas pelos tempos de pandemia e distanciamento social. Terminei essas tarefas com o contentamento descontente de sempre.

Voltei para casa desfrutando do calor dos raios de sol ainda preguiçosos. Voltei refletindo sobre nossa Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição sobre nossa Mata Atlântica. Apesar de belas e importantes sofrem com um processo de urbanização que ignora seus limites. Na praia a placa informando a água imprópria para o banho reflete um sintoma de uma natureza de saúde combalida. Vendo o aterro que se formou na Lagoa da Conceição após o deslizamento da Lagoa de Evapo-Infiltração da CASAN, lembro de que tivemos muitas vezes atitudes negligentes e omissas diante do nosso dever constitucional de zelar por uma natureza saudável e ecologicamente equilibrada. Já quase na UFSC me deparei com o morro do Córrego Grande com uma grande cicatriz de desmatamento recente, deixada por mais uma ação dessa nossa sociedade que parece não medir ou se importar com consequências da exploração irresponsável do único planeta que temos. É com toda essa realidade dura, mais ainda inspirado e motivado pelas belezas e importâncias de nossos muitos paraísos em terra que seguimos para mais uma semana. Que venha o futuro e com ele a oportunidade de corrigirmos os rumos de nossas ações. Que os novos caminhos zelem pela paz e pelo direito de todos por uma cidade onde o ser humano e a natureza possam conviver em harmonia.



UMA MANHÃ DE DOMINGO

HOJE, NESSE OUTONO FRIOZINHO, FOI DURO LEVANTAR CEDO DA CAMA... MAS EU PRECISAVA GRAVAR AULA PARA MAIS UMA SEMANA PANDÊMICA DE UMA UNIVERSIDADE DE ATIVIDADES REMOTAS, MAS MAIS PRESENTE QUE NUNCA NA ROTINA DE NOSSA SOCIEDADE. APROVEITEI O FINAL DE SEMANA PARA ACAMPAR NA BARRA DA LAGOA COM A FAMÍLIA, EM UM CAMPING QUE GOSTAMOS MUITO. DORMIR ESCUTANDO O BARULHINHO BOM DO MAR É GOSTOSO DEMAIS! DEPOIS DESSA NOITE QUE QUEBROU A ROTINA E DE EMBALAR O ESPÍRITO, LÁ FUI EU, LEVEI MEU CELULAR, UM CABO DE VASSOURA PARA ADAPTAR UM TRIPÉ E UM MONTE DE HISTÓRIAS PARA CONTAR. COM ESSES SABERES E FERRAMENTAS DE TRABALHO, LÁ FUI EU, COMO MILHARES DE PROFESSORES TODOS OS DIAS VÃO MUNIDOS COM SUAS INCERTEZAS E DE UM COMPROMISSO VISCERAL COM NOSSOS ALUNOS E SOCIEDADE.

Ao ler a carta do professor Paulo me peguei revisitando sentimentos que havia sentido algum tempo atrás quando li o livro “A vida não é útil” de Ailton Krenak (2020). Krenak, neste seu livro, nos coloca um pouco de sua indignação e sabedoria ao falar sobre a pandemia que se alastrou pelo mundo, da ascensão de governos de extrema direita e dos danos causados pelo aquecimento global. Eu vejo muito dessa indignação, preocupação e sabedoria nas ações e palavras do professor Paulo. Essa garra pela luta ambiental que é contagiante e bonita de se ver, e que muitas vezes também é triste e revoltante com tamanho os obstáculos que habitam esse caminho, e que tornam o percorrer dessa luta algo tão ruderal.

Assim como o estudante Carlos coloca mais a frente em seu comentário sobre o texto, eu também diria que a carta do professor Paulo é “*uma carta muito boa e importante de ser lida por todos. Ainda mais nesse momento de pandemia*”. Existem no texto diálogos de grande importância e que foram feitos de maneira tão sensível. Diálogos entre a dificuldade da vida na pandemia e os prazeres de poder fugir um pouco da rotina exaustiva nos colocada para habitar os ambientes naturais da ilha. Diálogos entre as preocupações, danos e perigos que afetam esses ambientes e a resiliente esperança que nos mantém em movimento e nos faz acreditar que ainda há tempo de recuperarmos o que já destruimos e conservar o que ainda nos resta. Krenak (2020, p. 99) diz a

seguinte frase que me remete muito às ações, ao modo de viver e à pessoa em si do professor Paulo “Para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento e as nuvens são nosso espelho na vida.” Sinto que é sob esse olhar que o professor Paulo enxerga a nossa relação com a natureza.

Comentário de Lari

“Escolhi a palavra “apetrechos”, pois ela me passa uma ideia de anos noventa. Não sei porque mas, também me vem a imagem de um cara usando meias esticadas até o joelho com uma pochete. Achei bonita a carta, ela também me passa um ar de simplicidade e tranquilidade..”

Comentário de Elô

“A palavra que eu escolhi foi oceano, eu escolhi essa palavra porque eu acho que o oceano é uma maravilha natural, mas também um mistério, eu acredito que não sabemos de muitas coisas que ocorrem dentro do mar. Porque tem partes do oceano que o ser humano não consegue chegar, pois ou ele é congelado ou cozido, por causa da temperatura ou até morre por causa dos animais que possam habitar Lá. Eu gostei dessa carta, porque eu concordo com ela, eu acredito que devemos preservar e cuidar da nossa natureza, e eu digo em geral, como florestas, mangues, rios, lagos etc.”

Comentário de Malu

A Carta ela está falando mesmo que no frio de outono o professor ele sabia que tinha que levantar para continuar a sua rotina e dá aula para os seus alunos e o tema da sua aula e ia ser da origem da vida e nada melhor que a gente pegar do Mar dos oceanos porque se a gente for pensar o Brasil ele tem uma joia muito rara essa Joia Rara é Amazônia

Comentário de Cazé

“a palavra que escolhi na carata do paulo foi Pandemia. Ouvindo a carta do Paulo me senti um pouco triste com algumas coisa que foram escritas, mas achei uma carta muito boa e importante de ser lida por todos. ainda mais nesse momento de pandemia”

Carta de Fritz Muller:

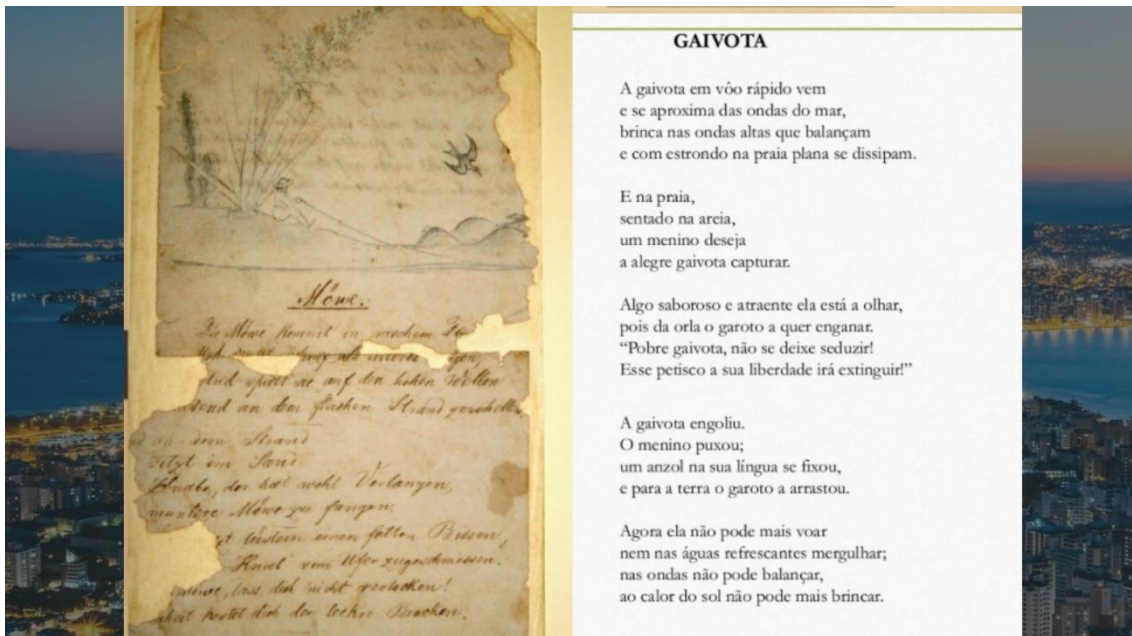
A gaivota em vôo rápido vem
e se aproxima das ondas do mar,
brinca nas ondas altas que balançam
e com estrondo na praia plana se dissipam

E na praia,
sentado na areia,
um menino deseja
a alegre gaivota capturar,

Algo saboroso e atraente ela está a olhar,
pois da orla o garoto a quer enganar,
"Pobre gaivota, não se deixe seduzir!
Esse petisco a sua liberdade irá extinguir!"

A gaivota engoliu,
O menino puxou;
um anzol na sua língua se fixou,
e para a terra o garoto a arrastou.

Agora ela não pode mais voar
nem nas águas refrescantes mergulhar;
nas ondas não pode balançar,
ao calor do sol não pode mais brincar



Conheci este poema do naturalista Fritz Muller em um dos encontros do grupo Escolas à Beira Mar. Ele foi citado em conjunto com outros 11 poemas escritos para suas filhas com o objetivo de as educar e sensibilizar sobre a vasta

diversidade de animais e plantas existentes no Brasil. Segundo de Souza (2015, p. 136):

“Os poemas [de Fritz Muller] descrevem as relações ecológicas na natureza, revelam cenas ou fatos cotidianos, promovem ensinamentos e transmitem valores morais, a partir de cenários e personagens de fauna e flora de nosso país, descritos com a sutileza de um amante da natureza.”

Durante o processo de escolha dos textos externos que fariam parte do segundo encontro me lembrei das cartas de Fritz e ao me encontrar novamente com o poema *Gaivota*, tive a impressão de que ele comporia muito bem esse momento. Como De Sousa (2015, p. 135) mesmo disse, “a sutileza e os valores presentes no poema, que é infantil, mas não é ingênuo”, é capaz de produzir desconfortos dentro de nós. Lari em seu comentário sobre o poema nos lembra disso quando diz que “Esse poema me dá uma certa sensação de agonia, sempre que penso na pesca fico com esse sentimento”.

Para além disso gostaria também de deixar como próximo o comentário de Cazé sobre o poema, qual prefiro não comentar e deixar a interpretação por conta de quem lê:

“A palavra que escolhi do poema foi Liberdade

O que senti nesse poema eu senti um tipo de pensamento sobre o que seria a Liberdade, porque por um ângulo a gaivota é livre mas não tem a proteção que necessita para ficar viva, e de outro ângulo ela poderia estar em um gaiola viva porém não podendo voar.”

Comentário de Lari

““Dissipam” escolhi essa palavra, pois ela me faz lembrar do barulho e do movimento das ondas batendo nas rochas. Esse poema me dá uma certa sensação de agonia, sempre que penso na pesca fico com esse sentimento.”

Comentário de Elô

“No poema da gaivota eu escolhi a palavra praia, apesar de eu não gostar muito de praias, eu acho muito bonito. E também acho muito interessante como a natureza pode nos surpreender positivamente, como nos dando mais calma, alegria e adrenalina. Apesar desse poema ser triste, por mostrar como o ser humano age na natureza, eu gostei bastante.”

Carta de Alessandra:

*Este lugar é uma maravilha
 Mas como é que faz pra sair da ilha?
 Pela ponte, pela ponte
 Como é que faz pra sair da ilha?
 Pela ponte, pela ponte
 A ponte não é de concreto, não é de
 ferro
 Não é de cimento
 A ponte é até onde vai o meu
 pensamento
 A ponte não é para ir nem pra voltar
 A ponte é somente pra atravessar
 Caminhar sobre as águas desse
 momento
 A ponte não é para ir nem pra voltar
 A ponte é somente pra atravessar
 Caminhar sobre as águas desse
 momento*

(A ponte, Lenine)

Vivo em Florianópolis, desde 2000. Quando entrei na Ilha para morar, me instalei na praia dos Ingleses. Eu era estudante de pós-graduação, fazia o doutorado em Oceanografia na Universidade de São Paulo. Meu projeto de pesquisa era desenvolvido na Lagoa da Conceição, e tinha o objetivo de compreender como a urbanização da bacia afetava a qualidade ambiental dessa laguna, que é o coração da Ilha. Eu vim para cá com duas filhas pequenas, uma tinha 4 anos e a outra 2 anos. Morei na casa de férias dos tios do meu companheiro, era impossível pagar aluguel com o que ganhávamos.

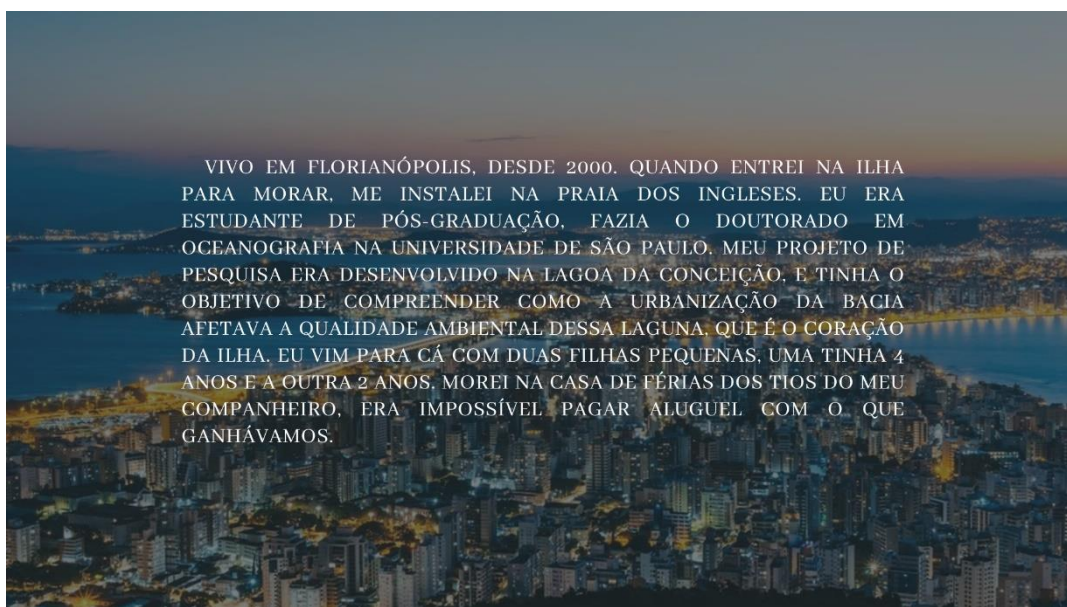
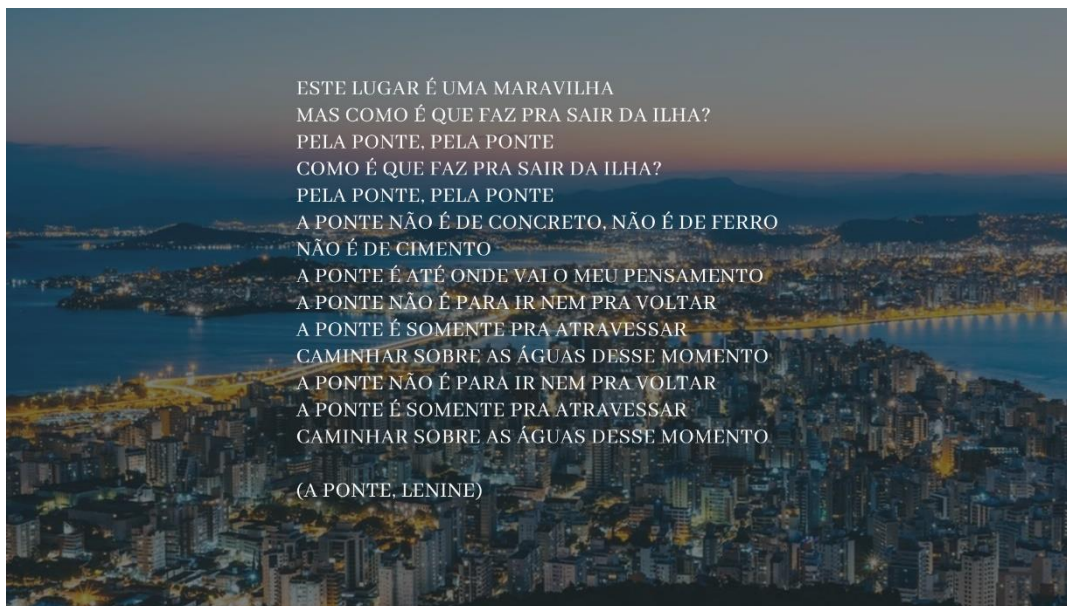
A ponte sempre foi um símbolo dessa entrada na Ilha, o que me faz refletir sobre as mudanças que a Ilha passou desde a instalação da primeira ponte, a Hercílio Luz. Quando era criança, em 1979, com 7 anos, vim visitar um tio que morava em Florianópolis. Entramos na Ilha por essa ponte. A estrada para o Rio Vermelho era de chão. A praia de Ingleses era um paraíso, só se via os ranchos dos pescadores próximos ao mar, uma linda vegetação de restinga na frente da praia e as dunas. A água era cristalina, lembro do banho de mar e do dia de brincadeira na areia da praia. Eu não saía da água. Ficávamos embaixo de uma árvore para nos proteger do sol. Gosto de olhar a paisagem e pensar em como ela seria se não houvesse o uso pelo homem. Essa paisagem ainda consigo encontrar quando estou na praia da Barra da Lagoa olhando para o norte, em

direção ao Parque do Rio Vermelho; ou quando vou à Lagoinha do Leste, que também é um Parque, uma unidade de conservação do Município.

Em 2003, enquanto a equipe da CELESC fazia manutenção em uma das pontes que entra na Ilha, houve um acidente que rompeu o único cabo de energia elétrica que entrava na Ilha. Esse acidente gerou um blecaute que deixou a Ilha sem luz por 3 dias. Eu estava finalizando o meu doutorado e tinha prazo para entregar um relatório para a agência que pagava a minha bolsa de estudos. Mas como trabalhar quando não se tem luz para ligar um computador? Eu consegui apoio do supermercado Angeloni da Beira Mar, que tinha geradores à óleo para produzir energia, a gerência foi sensível a minha situação, que me permitiu usar uma sala da administração. Além de mim, muitas pessoas iam ao mercado para assistir novela nas televisões que ficavam de mostruário. Mas o que mais me marcou desses dias, eram as noites estreladas e escuras. Íamos sempre caminhar na praia dos Ingleses à noite, era possível ver o céu todo estrelado, não ofuscado pelas luzes da cidade. Nesse período tinha uma lua de quarto crescente ou minguante no céu. Mesmo sem ter iluminação era possível caminhar de noite pelas ruas, praia, ou em casa sem usar lanternas, nossos olhos se acostumavam ao escuro. Na volta para casa em uma dessas noites, minha filha, já com 6 anos, olhou a lua e disse: *é possível ver a sombra da Lua*. Era lindo!

Moramos em um pedacinho do paraíso, o planeta terra é um paraíso, mas perdemos a conexão com a natureza que nos cerca. Perdemos a nossa essência e a nossa capacidade de compreender que a vida é feita de simplicidade. A ilha tem crescido muito, muita gente, muito trânsito, poluição... Hoje sou professora, moro no meio do mato, ainda existe espaço assim dentro da Ilha, é meu pequeno paraíso que me conecta com a natureza.

Um abraço em você que lê esse relato. Que sua vida seja de conexão consigo, com o amor e com a natureza. Que sua vida seja bela. Saúde!



Até o momento em que li sua carta eu não conhecia estas histórias da professora Alessandra. O que mais me tocou nessa leitura foi a forma como fui levado como que de imediato para as épocas em que as histórias se passam. Minha mente construiu todas as paisagens descritas baseadas em fotos e vídeos antigos da Ilha e pelas vezes em que estive naqueles lugares. É louco como consegui imaginar nitidamente a ponte, as estradas de terra e as praias desertas dos anos 80, a lagoa da conceição, o mercado Angeloni da Beira Mar e as noites escuras do apagão nos anos 2000. Fiquei muito feliz também ao ler os comentários feitos sobre a carta e ter a certeza de que as palavras da professora

Alessandra tocaram a turma de inesperadas maneiras, como nas palavras de Lari, que diz:

Escolhi a palavra “dunas”, pois ela me lembra de um sentimento bom. Não sei exatamente o que é, acho que talvez seja a minha sensação de quando estive em uma das dunas. Era quente e ensolarado e eu me sentia tranquila e confortável, amada talvez. Me lembro da areia batendo em meus pés, e o sol nos meus olhos. Achei interessante o poema que ela escreveu, nunca tinha olhado para a ponte de um ponto de vista diferente ou abstrato.”

Cazé em seu comentário realça novamente como a atividade foi capaz instigar uma reflexão sobre os benefícios presentes em uma vida em que a “natureza” se faz mais presente ao dizer:

Bem, ouvindo a carta e lendo ela tbm, eu gostei muito da parte final da carta onde ela fala que nos perdemos essa conexão com a natureza, sempre estamos muito estressados ou na frente do computador, e quando vamos para a praia, para uma trilha ficamos 1000 vezes melhores porque a natureza é o local de paz que tem nesse mundo.

Comentário de Elô

“A palavra que eu escolho é Lua, eu admiro muito a Lua, porque na minha opinião é a coisa mais bonita que tem no universo, as cores, a luz que ela reflete, eu acho explêndido. Tem vezes que antes de eu dormir eu fico observando a Lua. Eu também gostei desse texto pois no começo fala sobre as coisas ruins que o ser humano faz sobre o meio ambiente, eu concordo que tem que preservar mais a natureza.””

Comentário de Malu

Alessandra vive em Florianópolis, desde 2000, quando ela veio para ilha, e foi morar nas Praia dos Ingleses. Uma das praias mais lindas, antes dela vir ela era estudante de pós-graduação, ela veio fazer doutorado em oceanografia Universidade de São Paulo.

Quando ela veio com duas filhas pequenas uma tinha quatro e a outra tinha dois anos, quando ela era criança em 1979 com sete anos ela veio visitar o seu tio a primeira ponte que ela veio foi a ponte Hercílio Luz, 2003 quando uma equipe da Celesc estava fazendo manutenção em uma das pontes que aconteceu um acidente, e a ilha ficou sem luz por três dias e ela já está finalizando o seu doutorado quando não tinha luz para ligar seu computador, ela conseguiu apoio do supermercado Angeloni da beira-mar que eles tinham geradores de óleo eles permitiram ela usar uma sala de administração além dela muitas outras pessoas também.

Escritas da turma

Os textos a seguir são os relatos de familiares, descritos nas entrevistas, e as cartas ao futuro de cada estudante da turma. Não quis comentar cada escrita individualmente pois acredito que isso poderia diminuir as subjetividades das interpretações individuais de cada leitor ou leitora. E assim como comentei sobre a importância dessas subjetividades quando citei as palavras de Juliana Pereira (2016, p. 18), não creio que seria produtivo tentar tecer comentários pessoais para as escritas de cada estudante. Os afetos movidos pela leitura dos materiais da oficina são muito individuais de quem os lê, eles são criados no diálogo dos textos com a própria história e imaginação do leitor.

Escritas de Lari

Texto da entrevista com familiar

“Uma lembrança muito marcante para minha mãe é de quando eu e minha família madrugávamos para ver o sol nascer na praia do Campeche. Vou contar como era. Acordávamos às cinco da manhã, como moramos em coqueiros o caminho até a praia era sempre muito bem aproveitado. Colocávamos músicas e íamos apreciando uma Florianópolis muito diferente, mas calma, sem o tumulto dos carros e o burburinho das pessoas. Quando, enfim, chegávamos a praia, nos deparávamos com ar úmido e gelado. A praia sempre meio deserta a essa hora. Apenas com alguns casais e amigos sentados na areia. Lembro-me de uma manhã em que vi um pai com seus filhos. A mais nova devia ter uns quatro anos, estava toda serelepe vestida de princesa e o mais novo devia ter uns dois anos, jogado no colo do pai com a maior cara de sono. Me lembro também de alguns amigos sentados olhando para praia quando chegamos. Eles pareciam estarem voltando de alguma festa. Eu não sei bem o porquê, mas ver essas pessoas fizeram eu me sentir tranquila e aconchegada, com vontade de viver. Enfim, voltando ao foco... Aos poucos a escuridão da noite ia saindo e a claridade do dia chegava. O friozinho que sentíamos era substituído pelo calor dos raios de sol que batiam em nossos corpos. O barulho das ondas fazia jus a vista, como se fosse a música perfeita para aquele momento. Olhando para a direção oposta ao mar víamos uma vegetação meio seca, mas algo nela, pelo menos para mim, parecia muito viva. Talvez fosse a cor, era um verde tão forte, ou talvez fosse pelo sol que reluzia na vegetação. Uma coisa interessante é que sempre que chegávamos, o mar estava mais quentinho e ao longo do amanhecer ele esfriava. Sempre acreditei que fosse o contrário. Me sentia muito confortável nesses momentos. Era uma mistura de várias emoções... Felicidade, calma, aconchego, tranquilidade, entre tantos

outros sentimentos os quais não consigo descrevê-los em palavras. Começava a chegar mais pessoas a praia. Então, deitava no colo da minha mãe, enquanto observava meu pai e meu irmão brincando de jogar bola com minha cachorra.”

Carta ao futuro

“Quarta-feira, 9 de junho de 2021

Oi!

Eu sou a Lari de 2021. Digo isso, pois não sei quais “Laris” serei no futuro. Acho muito incrível isso, porque não tenho ideia de qual Lara que está lendo. Posso me tornar tantas coisas, existem tantas possibilidades. Espero que você seja melhor, esteja melhor, que seja feliz, que continue evoluindo. Espero tantas coisas de você! A Clara (minha psicóloga) diz que talvez eu seja muito exigente comigo mesma. Não sei bem porquê me cobro tanto. Acho que é o meu jeito. Não gosto de ser cobrada pelos outros, então eu mesma faço isso. Assim a única que pode se decepcionar sou eu, não é mesmo? Você continua sendo assim, exigente consigo mesma?

Acho que fui longe demais com meus pensamentos. Vou voltar um pouco. Hoje é dia 9 de junho de 2021. Não sei como as coisas estão aí, mas como pode observar ainda é 2021. O que faz com que possivelmente chegue a “incrível” conclusão de evento a qual estou passando/inserida, a pandemia. Não sei se você se lembra de como é estar em uma pandemia, sinceramente eu espero que não. Não que essa seja uma experiência horrível, pelo menos para mim que tenho tudo o que preciso, mas com certeza está fora de ser o ideal. Os dias parecem iguais. Tenho uma sensação estranha de que eles parecem passar rápido, mas ao mesmo tempo devagar. No início (mais para o meio) do isolamento quando andava na rua me sentia invadida por uma emoção de falta de controle, como se aquele lugar em que estivesse não fosse real, como se eu não fosse real. Imagino que por causa da falta de pessoas e carros andando e fazendo barulho, isso acontece, esse sentimento. Como se estivesse ando em uma cidade deserta ou fictícia. Como se eu estivesse em um filme de suspense. Aos poucos vejo que a vida está voltando ao normal. Essa sensação que sinto tem diminuído. As pessoas estão saindo mais, os lugares estão sendo abertos, as lojas funcionando (legalmente), as pessoas estão se vacinando. Sei que é clichê escrever sobre a pandemia durante a pandemia, no entanto, eu não sei se vou lembrar desses sentimentos. Como disse antes, espero não lembrar porque assim eu saberia que a vida voltou ao normal, que a covid passou e ninguém mais lembra de como é.

Mesmo com esse “maravilhoso” evento em que estou passando, posso dizer que não deixei de aproveitar a natureza da ilha. Talvez seja Loucura minha, mas acho que esse foi o ano em que eu mais aproveitei as praias, trilhas, e outros aconchegantes cantinhos de Florianópolis. Por causa dessa situação os espaços ao ar livre se tornaram mais relevante, pelo menos para mim. Não que

eles não fossem relevantes antes, mas comecei a ver eles de outras formas. Acho que não seja apenas por causa da covid, mas também o meu amadurecimento. Por exemplo anos atrás eu odiava ir à praia, a areia molhada grudando na minha pele, minha mãe me obrigando a passar protetor solar o tempo inteiro, os animais marinhos me dando medo e nojo, tudo era tão desagradável e desconfortável. Mas agora as praias passaram a ser o meu lugar favorito. A areia não me incomoda mais. O calor dos raios solares refletindo em minha pele me confortam e aquecem. O barulho constante das ondas soando em meus ouvidos como um mantra me faz relaxar. A vegetação verde da praia me trás força, energia para continuar com o dia. As pessoas que vejo, mesmo sendo completos desconhecidos para mim, me fazem refletir sobre a vida, observando a cada uma delas. Tudo parece tão magico e simples. Nunca tinha me dado conta dá importância que tem esses lugares.

Outro lugar muito especial para mim são os cantinhos, aqueles que poucos conhecem. Sempre meios escondidinhos e silenciosos. Tem um cantinho em coqueiros que passei por bons momentos nele. As vezes quando voltava da minha aula de dança com algumas amigas íamos nele e ficávamos conversando. Era atrás de um restaurante, passávamos por uma faixa de areia e sentávamos em cima das rochas olhando para o mar. Não é o canto mais bonito de Floripa. O mar não tinha aquela cor de verde turquesa como em algumas praias. Conseguíamos ouvir o barulho dos carros passando do outro lado do morrinho ao lado do restaurante. E a vegetação estava um pouco em falta, não tinha o tom de verde que costuma ter. Mas, mesmo assim, era um lugar especial. Sentávamos nas rochas olhando para vista, o vento forte soprava fazendo com que nossos narizes ficassem avermelhados. Eu e minhas amigas passávamos horas conversando sem nem perceber o tempo passar. Falávamos do nosso futura, das nossas expectativas, do que viria depois dos anos escolares. Quando percebíamos, o sol já tinha descido sob as montanhas que víamos de muito longe. Minha mãe já preocupada com a minha demora me ligava um pouco desesperada. E então eu corria para casa me perguntando quando seria a próxima vez que iramos ali.

Espero que se lembre desses momentos, dessas voltas por coqueiros com as amigas. Lembra daquela vez em que a mãe ligou histérica para mim porque eu estava super atrasada? Foi em uma dessas em que eu voltava a pé da dança com a Marina e a Sophia. Foi tão bom esse dia. Eu já estava na rua do prédio na frente da casa da Sophia. Começamos a conversar e quando vi tinha 3 ligações perdidas da mãe. Naquele dia eu fui realmente correndo para casa, só faltavam três quadras, cheguem em casa em 1 minuto.

Enfim, eu espero que você tenha várias outras experiências para contar. Espero que continue com esse contato com a natureza. Que Floripa ainda seja uma cidade incrível de se morar.

Vou fazer algumas perguntas para você. Aí como eu sei que é muito ocupada, quando puderes se sente e escreva. Sei que gosta de escrever, mas nunca se permite ter tempo para isso. Então agora eu estou te dando esse tempo. Sente-se, reflita, pense em todos esses momentos e ESCREVA.

Perguntas:

- A pandemia já acabou? Você já está vacinada? Se sim, você filmou igual a todo mundo ou ficou com vergonha de filmar?

- Ainda dança? Tem contato com o pessoal do CAD? Alguns professores novos de dança?

- Você conseguiu manter contato com alguns amigos do antigo colégio (Gabi, Mari, Dudinha, Pedro...)?

- Não quero te deixar triste, mas preciso saber. A dor de perder a Cláudia (Minha Vó, que se chamava Ana, mas a chamava de Cláudia só para brincar com ela) ainda nós destrói? Ainda dói muito? Ou são só lembranças agradáveis e saudade? Você ainda tem/guarda a foto dela nos favoritos do telefone?

- Já decidiu que faculdade vai seguir? (Atualmente, penso em algo como publicidade, algo que envolva design, marketing e psicologia. Ou teve coragem de enfrentar o mundo da dança e tentar trabalhar com isso?) Está surtando com o ensino médio?

- Todos estão bem? A família está bem? Ninguém doente?

- Algum “rolinho” interessante? A Isabelle e o Tito (Tito é meu irmão e Isabelle é a menina que ele gosta) estão juntos ou são só amigos?

- Conseguiu descobrir o seu estilo (roupa e dança)?

- Como vai a vida em Campeche? Pelo amor de deus, diz que a casa já ficou pronta! Ela é perfeita do jeito que imaginamos? O pai e a mãe conseguiram não se matar por causa do estresse que é construir uma casa? O tamanho da casa é bom? Se sim, o pai esfregou na cara da família que o terreno realmente cabe com uma casa e que tem muito espaço para tudo? Atualmente ele fala que ninguém da família tem noção de espaço, eu acredito nele porquê ele é arquiteto, né! Mas sinceramente não consigo ver a casa do projeto com mais uma piscina naquele terreno.

Era isso. “É sobre isso”!

Beijinhos, Lari de 2021.”

Escritas de Vini

Vini não chegou a me enviar seus comentários sobre as cartas externas. Mas em um momento marcante de sua participação nos encontros, quando foi feita pergunta à turma de quais emoções eles sentiam quando iam passear em seus lugares favoritos da Ilha, V. respondeu que era um dos únicos momentos em que sentia “felicidade genuína”.

Texto da entrevista com familiar

“Antigamente a Lagoa da Conceição, era muito boa para tomar banho, pois sua água não era poluída. Eu e meu filho fomos muito felizes, porque nas tardes das férias de Janeiro quando fazia calor pescávamos berbigão na Lagoa, era uma sensação muito boa, de onda batendo nas nossas costa e relaxando com o barulho do mar, e o barulho do berbigão caindo no baude. Hoje em daí infelizmente temos

a Lagoa da conceição poluída por esgoto, e não podemos mais ter esse momento de lazer, em família.”

Carta ao futuro

“Opa, sou do seu passado e vim escrever essa carta para o meu futuro. Sei que isso é meio complicado de entender, mas vou explicar melhor. Sou Vini tenho 14 anos, nasci dia 26 do 8 de 2006, em Florianópolis terra que eu amo. Essa carta vai para as pessoas do futuro, muita gente que é do ano 1990, achavam que em 2021 ia lançar um carro voador que se transformasse em um transformers , ou um jetpack acessível, ou um barco que virava um carro, mas a unica coisa mas proxima disso foi inventar uma boneca que caga, e tu tem que alimentar ela igual fosse um bebê de verdade. Então por isso vou ser pé no chão eu tenho 60% de certeza que daqui a 10 anos há tecnologia vai ter um pequeno avanço, nada muita grande. Eu queria ser uma pessoa bem diferente, que estudasse mais e não ficasse trancado dentro de casa o dia todo jogando joguinho de tiro, queria ser uma criança raiz. Acho que esse assunto de criança raiz para nuttella ta ficando um negócio bem maior, mnha prima tem 8 anos, e só fica no celular, ela comprou uma alexa nada contra há a alexa, mas para min alexa é coisa de preguiçoso e se uma criança de 8 anos tem preguiça imagina daqui a 10 anos uma adulto de 40. No passado, nesse caso o meu presente, que para a pessoa do meu futuro que está lendo o passado, saiba que o período que estamos vivendo está sendo muito complicado por um vírus que ta acabando com tudo , mas não isso que vou falar, vou falar sobre BRINCAR que para min essa palavra usei muito entre meus 1 ano de idade até ano passado. Era tão bom, eu adorava brincar de esconde-esconde com meus primos, e eu sou muito competitivo sempre quero ser o melhor em tudo que faço, e no esconde esconde não podia ser diferente, eu dava a vida como se valesse uma coca-cola. Todo sabado meus primos ião para minha tia que é literalmente 10 segundos da minha casa (Mesmo terreno) que fica de frente para lagoa, em um belo dia eu falei: "Hoje ninguém vai me achar" Dito e feito me escondi dentro de um barco lá na lagoa. Eu tinha uma missão, encostar na parede e falar "1,2,3 salvar todos" e eu ia ser o cara mais zika do esconde esconde, era 1 pegador contra eu, ele foi subir as escadas, dai eu olhei lá de longe para onde ele tava, nadei 3 krau, pulei 4 muro, me enterrei em um montinho de areia, virei 2 mortal por cima do telhado, peguei uma moto, dei fuga da polícia rampei em um monte e finalmente cheguei e não me bati, essa é minha história, e só pesso uma coisa muleke do futuro que ta lendo isso, não fica igual um viciado na frente do celular, vai jogar bola e brincar que é a melhor coisa que tem nessa vida.”

Escritas de Elô

Texto da entrevista com familiar

“Visitar os canions num passeio a cavalo, eu comecei a chorar e a sentir medo pois morro de medo de andar a cavalo. Mesmo sabendo que eu tinha medo tentei mesmo assim, achando talvez que eu perderia esse medo, mas não deu certo. No final das contas a esposa do guia foi me buscar.”

Carta ao futuro:

“Olá eu do futuro, eu gostaria de escrever algumas coisas importantes caso você esqueça porque eu te conheço bem e sei que você esquecerá e também pergunta algumas coisas.

Bom primeiro eu gostaria de perguntar se a pandemia ou o coronavírus já acabaram, porque menina o negócio tá feio, eu espero que até lá isso já tenha acabado e as aulas já voltado, porque é triste não ter mais os seus amigos por perto fazendo bagunça e perguntando pros professores se é pra copiar ou não. Eu sinto muita falta, sinto falta dos meus amigos e da escola. Eu espero mesmo que o coronavírus tenha acabado por que ele está tirando muitas vidas, e isso é triste.

Mas agora vamos falar só de coisas boas, primeiro eu queria falar se você já conseguiu fazer todas as trilhas de floripa, porque eu não sei se você lembra do acordo que você fez com o seus pais de fazer todas as trilhas de floripa, isso é muito bom, você ter esse contato com a natureza e melhor de tudo, ficar com os meus pais. Durante a pandemia a gente se aproximou muito, eu e meus pais, porque eu e minha mãe ficávamos o dia inteiro na UFSC enquanto meu pai ia trabalhar e saía de manhã e só voltava de noite. Mas agora a gente não se desgruda mais, e isso é muito bom. E tomara que você ainda tenha uma relação boa com eles.

Agora eu eu quero conversar bem sério com você, olha eu sei que é provável que você esteja passando por um momento difícil, então prometa pra mim e nunca se esqueça, “nunca desista dos seus sonhos e daquilo que te faz feliz”. Se você estiver mal ou coisa do tipo, repita isso para você, isso vai ajudar você, pode confiar, porque isso também me ajuda.

Desculpa ter escrito pouca coisa, não tava com muita ideia. Eu espero que eu tenha realizado meu sonho até lá e que eu seja uma desenhista melhor. E eu quase esqueci, eu espero que eu pare de roer as unhas e meu lábio e que comece a ter uma vida saudável até lá.

Beijos, eu do passado!”

Escritas de Malu

Carta ao futuro:

Minha carta para o futuro. O que eu pretendo fazer do meu futuro, eu pretendo fazer um intercâmbio fora do Brasil ir para o Estados Unidos, quando eu já tiver no segundo ano do ensino médio, não pretendo ficar muito, Pretendo ficar cinco meses lá, depois voltar para o Brasil rever minha família, eu vou ver se eu me dei bem lá fora do Brasil, Eu pretendo ir para fazer a faculdade também, pretendo me informar lá, começar uma vida lá fora só no meus estudos, sobre moradia eu acho que não vai ser tão difícil porque eu tenho a minha madrinha que mora lá, eu tô entre em duas faculdades entre biologia marinha entre moda, bom essa é minha carta do Futuro por enquanto eu só quero me formar e começar a trabalhar.

Considerações finais

Assim como era de se esperar, nem todos da turma entregaram todas as atividades propostas e de uma turma de dez somente as mesmas cinco ou seis estudantes participaram ativamente durante todos os encontros síncronos, sendo que somente cinco, metade da turma, me enviaram as escritas. As fragilidades do modelo remoto emergencial se mostraram mais uma vez como um grande empecilho no alcance que a oficina poderia ter tido. A potência existente na prática de uma oficina, relevante aqui por viabilizar a reflexão sobre os temas abordados, acabou sendo diminuída ao não conseguir alcançar e sensibilizar o restante da turma. A parcela de estudantes que não teve as condições de participar da oficina por completo, seja por razões materiais, pessoais ou emocionais são evidência da fragilidade do modelo remoto emergencial e da complexidade em se realizar atividades práticas continuadas nesse formato.

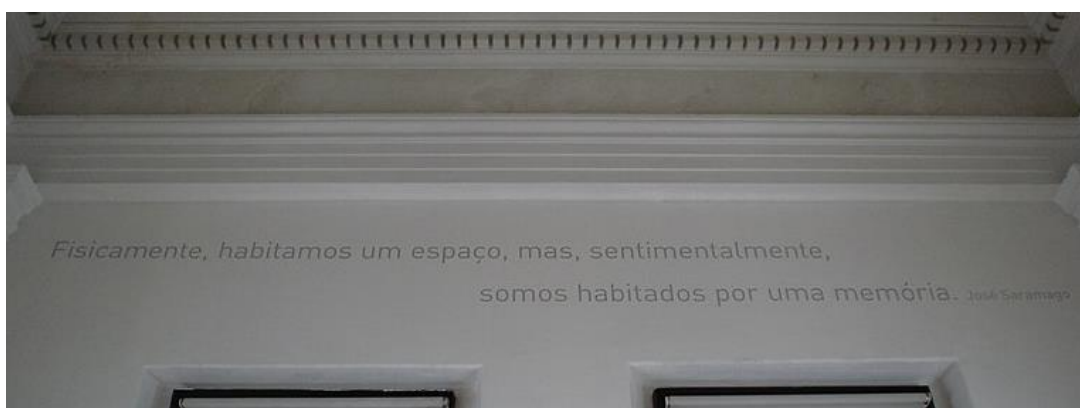
Apesar disso, creio que é possível afirmar que a realização dessa oficina, mesmo diante das difíceis complicações e enormes distanciamentos do ensino remoto emergencial, conseguiu alcançar alguns de seus objetivos esperados e realizar uma atividade prática em educação ambiental bem sucedida. Todas as memórias resgatadas e descritas de forma tão pessoal e as reflexões e sensibilizações produzidas e perpetuadas a partir disso, evidenciam que foi possível criar um ambiente de ensino aprendizagem crítico e contextualizado com todos que fizeram parte da construção dessa oficina, atento para as realidades individuais e coletivas que existem na Ilha.

Este projeto, que se transformou tanto ao longo do percurso até aqui, mostra também importante adaptação da educação em momentos de crise. A necessidade de enxergar as possibilidades existentes nos mais difíceis contextos e procurar o melhor resultado possível dentro das limitações e imprevisibilidades colocadas. Sei que esse foi um dos meus objetivos com esse projeto, buscar através da leitura, da escrita, das memórias e afetividades, formas de construir uma educação ambiental mais crítica, valorizando aspectos para além dos fundamentos básicos da sustentabilidade e conservação.

Pelas escritas construídas e através também de minha percepção como oficinairo e orientador da turma durante os encontros, acredito que posso dizer que as estudantes que participaram do processo de realização da oficina saíram dos encontros com novos olhares para os ambientes que constituem a ilha em que elas moram e questionamentos sobre a importância dos mesmos. Novos olhares para a biodiversidade aqui existente, para a beleza das relações cotidianas entre as pessoas que habitam a ilha e constroem juntas a cultura local, e sobretudo para a importância da valorização e proteção da flora, da fauna e desses ambientes como um todo.

Sou imensamente grato a todas as pessoas que fizeram parte dessa jornada e que me ajudaram a construir esse projeto. Desde seu início caótico e confuso, passando pela busca pelos caminhos que possibilitariam sua existência palpável, e até o momento final em que me encontro agora, no qual se tornou uma realidade a conclusão desta pesquisa. Espero muito poder construir essa oficina presencialmente em um futuro próximo, com suas devidas adaptações, e poder realizá-la de uma forma mais humana, com a proximidade dos olhares e dos risos, do timbre das vozes e da presença por completo de todas as pessoas ali juntas.

Agradeço também a você leitor(a), por ter chegado até aqui e ter tido a experiência de saber mais sobre essa longa jornada que foi a construção deste projeto. Espero que as escritas aqui colocadas a/o tenham atingido em lugares íntimos e também a/o feito resgatar memórias e afetividades para com o lugar em que você habita ou já habitou. Te deixo um último recado em forma de imagem e lhe desejo um ótimo resto de dia.



Um forte abraço,

Bruno

Ilha de Santa Catarina, 10 de novembro de 2021

REFERÊNCIAS:

ANDER-EGG, Ezequiel. El taller: una alternativa para la renovación pedagógica. In: **El taller: una alternativa para la renovación pedagógica**. 1999. p. 128-128.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador-extensionista de Educação Ambiental. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 22, n. 2, p. 375-390, 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. O ensino remoto emergencial e a educação a distância. **Jornal da Universidade**, v. 6, 2020.

DE SOUZA, Flavia Pacheco Alves; SANTOS, Andrea Paula Oliveira Kamesnky; FONTES, Luiz Roberto. Os poemas de Fritz Müller como fonte e inspiração para estudos em história da ciência e educação ambiental: linguagens e interdisciplinaridade. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, v. 11, p. 130-158, 2015.

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL-TRICONTINENTAL. O CoronaChoque e a educação brasileira: um ano e meio depois. agosto. 2021. Disponível: <<https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-43-educacao-brasileira-pandemia/>>. Acesso em: 2 nov 2021

KRENAK, A. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAIVA, K. B. Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa. 2006. Dissertação (mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias afetivas: Proposições do professor-artistacartógrafo-etc. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PERELLÓ, Danilo. Ensino remoto não é educação a distância. **O Globo**, Bairros, Rio de Janeiro, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ensino-remoto-nao-ensino-distancia-diz-especialista-em-educacao-1-24501996>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Perder-se: Experiência e Aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de (Org.). Grafias do espaço: Imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. Vários Autores.

RIBEIRO, Danilo Stank. Da oficina, do ofício, do oficinairo. 2017. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SALDANHA, Luis Cláudio Dallier. O discurso do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 50, p. 124-144, 2020.

SARAMAGO, José. Palavras para uma cidade. **Outros cadernos de Saramago**, 2008.

ZANCO, Janice. Dona Generosa e as crianças disparam.... Outros modos de ver a Lagoa do Peri. 2010. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.